

LÚCIA BEZERRA GUERRA

**JUAZEIRO DO NORTE:
RELIGIOSIDADE E DESENVOLVIMENTO**

**Orientador: Prof. Doutor Henrique Pinto
Co-Orientador: Prof. Dr. Paulo Mendes Pinto**

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

**Lisboa
2015**

LÚCIA BEZERRA GUERRA

**JUAZEIRO DO NORTE:
RELIGIOSIDADE E DESENVOLVIMENTO.**

Dissertação defendida em prova pública para aprovação no curso de Mestrado em Ciência das Religiões da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, apresentada por Lúcia Bezerra Guerra, no dia 06 de fevereiro de 2015, perante o júri nomeado pelo Despacho de nomeação nº115/2013, de 07 de Agosto, com a seguinte composição:

Presidente:

Prof. Doutora Gisélia Maria Martins Felício

Arguente:

Prof. Doutor José Eduardo Franco

Orientador:

Prof. Doutor Henrique Manoel Gouveia Pinto

Vogal:

Prof. Doutor Paulo Mendes Pinto

Lisboa

2015

Porque há um só Deus, e um só
Mediador entre Deus e os homens,
Jesus Cristo homem (Bíblia I Tm.
2.5).

Dedicamos este trabalho a todos que participaram direta e indiretamente de sua execução.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer ao meu Deus Todo Poderoso, que esteve comigo em todos os momentos, desde o início me dando sabedoria do alto. A Ele toda honra, toda glória e todo louvor.

Ao meu esposo Marco Guerra pelo apoio, companheirismo, tolerância em que encarou a minha ausência e, sobretudo pelo amor que me reconforta e me dá forças para superar obstáculos.

Aos meus filhos Cibele, Vinicius e Nicole, que sempre foram tão presentes e participativos em minha vida, além da ajuda de minha nora Karen e do incentivo dos meus genros Demetrius e Lael. Sem esquecer a alegria proporcionada pelo meu neto Eduardo, que me estimula a continuar lutando para vencer.

A meu querido pai Milton Bezerra (in memorium), um sertanejo nato, pelo estímulo ao estudo de uma maneira geral, pelas considerações feitas em nossas conversas sobre a vida no Sertão Nordestino. E a minha mãe, Djanira (in memorium), pelo carinho que sempre me dedicou.

Ao professor doutor Paulo Mendes Pinto, meu orientador, pelas críticas construtivas que me instigaram a continuar a jornada e pela presteza com que me atendeu quando o procurei na Universidade Lusófona, em Portugal.

Ao colega de trabalho Moisés Calú pela amizade e pelos debates e ações a respeito do assunto, não medindo esforço para me ajudar nessa tarefa. Obrigada pela dedicação e pelo voto de confiança, sem a sua orientação ficaria mais complicado para chegar ao fim. Serei eternamente grata.

Ao amigo bispo Robinson Cavalcanti (in memorium) por ler os meus textos em fase inicial e sugerir avanços epistemológicos na construção do presente trabalho.

A FATIN (Faculdade de Teologia Integrada) e a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias por terem aberto suas portas do mestrado para que eu pudesse realizar um sonho que não pude concretizar quando era jovem.

Aos professores do Curso de Ciência das Religiões com os quais interagi ao longo do curso, pela rica experiência das aulas, das discussões, das descobertas e pela construção de novos caminhos.

A nossa divertida turma, meus colegas de mestrado, pelas discussões e pelas dicas. Em especial agradeço a Cristina Nóbrega pelo apoio e incentivo e pela mediação nos assuntos burocráticos do curso.

Aos meus colegas, professores da UNEAL (Universidade Estadual de Alagoas) pelo apoio à minha trajetória no mestrado. Destacando Maria do Carmo pelo carinho, incentivo nas horas de angústia e prontidão em me acudir.

A minha ex-aluna Ângela Santos pela colaboração na confecção dos gráficos. Muito obrigada.

A meu sobrinho do coração, Mateus Felipe, obrigada pelos socorros tecnológicos.

A JOCUM (Jovens com uma Missão) teve uma participação especial. Foi junto com eles que eu pude conhecer Juazeiro do Norte. Obrigada pelo auxílio na aplicação dos questionários e pela participação nas entrevistas.

A todos os entrevistados os quais dedicaram tempo e atenção em diversas abordagens durante a pesquisa de campo.

As pessoas que de alguma forma contribuíram para a construção dessa dissertação.

RESUMO

Este trabalho procurou analisar o desenvolvimento econômico e social da cidade de Juazeiro do Norte, tendo como fator determinante a religiosidade do povo nordestino, o contexto da contemporaneidade e a abnegação e devoção da figura carismática de Padre Cícero. Ressaltou-se durante a pesquisa de campo a situação do povo nordestino e as características geográficas e sociais das populações daquela região. Também foram focalizados os problemas políticos regionais, as intrigas oligárquicas e eclesiásticas, engendradas no modelo tradicional vigente no Velho Mundo e que chegava ao Nordeste do Brasil ainda nebuloso e carente de uma melhor compreensão. O referido trabalho traz a tona o mito visionário de Padre Cícero. Mostra também como os sertanejos receberam os conceitos pregados por ele, fortalecendo suas convicções a respeito de sua fé e transportando essa convicção para o mundo das realizações produtivas. Fica palpável o crescimento da cidade de Juazeiro, a sequência de realizações e eventos políticos que culminaram com a sedição e emancipação da antiga vila e elevando-a a categoria de cidade. Ficou evidente a importância de Padre Cícero neste processo de crescimento e continuidade do mesmo após sua morte. Já é de domínio público a reaproximação da igreja católica com os eventos passados em Juazeiro na época de Padre Cícero. Hoje se vislumbra por parte da igreja o movimento de reabilitação da figura de Padre Cícero, com documentos oficiais em processo de análise do caso. A religiosidade, o ato das romarias, o comércio de objetos religiosos e profanos, formam um ingrediente promissor desencadeador deste binômio “crescimento e desenvolvimento”

PALAVRAS-CHAVES: Religiosidade. Padre Cícero. Romarias. Desenvolvimento.

ABSTRACT

This work sought to analyze the economic and social development of Juazeiro do Norte city, having as a determining factor the religiosity of the northeastern people, the contemporaneousness context and the selflessness and devotion of the charismatic figure of Father Cicero. Emphasis was placed during field research in the situation of the northeastern people and the geographical and social characteristics of the populations of that region. It focused also in regional political problems, oligarchic and ecclesiastical intrigue engendered in the traditional model prevailing in the Old World, which arrived in the Northeast still hazy and lacking a better understanding. This study brings up the visionary myth Father Cicero. It shows also how the country people received the concepts preached by him, strengthening their convictions about faith and carrying this conviction to the world of productive achievements. It is palpable the growth of the city of Juazeiro, the sequence of achievements and political events that culminated with the sedition and emancipation of the old town raising it to the category of city. It was evident the importance of Father Cicero in this process of growth and its continuity even after his death. It is already in the public domain the rapprochement of the Catholic Church with past events in Juazeiro at the time of Father Cicero. Today is envisaged by the church the rehabilitation movement of Father Cicero with official documents in the process of analysis of the case. Religiosity, pilgrimages, trade of religious and profane objects form a promising element triggering this binomial "growth and development".

KEYWORDS: Religiosity. Father Cicero. Pilgrimages. Development.

Lista de Siglas

CE – CEARÁ

CPRM – COMPANHIA DE PESQUISA E RECURSOS MINERAIS

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

IDH – ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

PB – PARAÍBA

PE – PERNAMBUCO

PIB – PRODUTO INTERNO BRUTO

**PNUD – PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O
DESENVOLVIMENTO**

S. N.T. – SEM NOTA TIPOGRÁFICA

**UNESCO – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA**

Índice Geral

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I: RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE.....	18
1.1– Visões Acadêmicas sobre Religião.....	18
1.2– Religiosidade Popular.....	22
1.3– Religiosidade Popular no Nordeste.....	26
CAPÍTULO II: JUAZEIRO DO NORTE: DA GÊNESE AO DESENVOLVIMENTO.....	31
2.1 – Caracterização da Área de Juazeiro do Norte/CE.....	31
2.2 – Histórico da Povoação.....	36
2.3 – O Rápido Crescimento do Povoado.....	42
2.4 – Juazeiro do Norte na Atualidade.....	46
CAPÍTULO III: PADRE CÍCERO E O DESENVOLVIMENTO DE JUAZEIRO DO NORTE/CE	48
3.1 – Padre Cícero: um Breve Histórico.....	48
3.2 – A Chegada de Padre Cícero ao Povoado	52
3.3 – Padre Cícero e a Religiosidade no Nordeste Brasileiro	53
3.3.1 Sanções impostas ao Padre Cícero.....	56
3.4 – Padre Cícero e a Política.....	58
3.5 – Padre Cícero e as Romarias.....	63

CAPÍTULO IV: FESTAS E ROMARIAS: A BASE DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO EM JUAZEIRO DO NORTE/CE.....	71
4.1 – Festas e Romarias.....	71
4.2 – Rezas, Benditos e Ladainhas.....	83
4.3 – O Sagrado e o Profano em Juazeiro do Norte/CE.....	87
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	98
ANEXO.....	102

Lista de Fotos

FOTO 01- Aglomerado de Romeiros em Juazeiro do Norte/ CE.....	21
FOTO 02- Estátua de Padre Cícero na Serra do Horto –Lugar Sagrado para milhões de Romeiros.	23
FOTO 03- A Religiosidade do Nordeste – As Beatas Seguidoras de Padre Cícero.....	25
FOTO 04- Grupo de Seguidores de Padre Cícero.....	27
FOTO 05- Árvore chamada Juazeiro.....	36
FOTO 06-Terras Improdutivas da União foram transformadas pelos romeiros.....	40
FOTO 07-Juazeiro do Norte no momento de sua emancipação.....	43
FOTO 08-Padre Cícero como prefeito de Juazeiro do Norte/CE.....	44
FOTO 09-Beata Maria de Araújo e o Milagre.....	55
FOTO 10-Romeiros chegando para as romarias.....	64
FOTO 11-Transporte de romeiros para Juazeiro do Norte/CE.....	65
FOTO 12-Grande romaria na Matriz de Juazeiro do Norte/CE.....	66
FOTO 13-Monumento sagrado com utilização profana	70
FOTO 14-Celebração após Procissão das Candeias – Pátio da Igreja de São Francisco, Juazeiro do Norte/CE.....	77
FOTO 15-Visão panorâmica do Horto.....	88

Lista de Gráficos

GRÁFICO 01-Religiosidade.....	67
GRÁFICO 02-Grau de Instrução.....	75
GRÁFICO 03-Renda dos romeiros.....	76
GRÁFICO 04-Transporte utilizado.....	78
GRÁFICO 05-Pretende voltar a Juazeiro.....	78
GRÁFICO 06-Números de pessoas na viagem.....	80

Lista de Mapas

MAPA 01-Localização de Juazeiro do Norte/CE no Nordeste.....	33
MAPA 02-Localização de Juazeiro do Norte no Estado do Ceará.....	34
MAPA 03-Região do Cariri – espaço de domínio de Padre Cícero.....	59

INTRODUÇÃO

Cultura, ação de cultivar o espírito humano e as faculdades intelectuais do homem. Abrange as diversas formas e expressões de uma determinada sociedade. Como tal inclui o conhecimento, a arte, as crenças, a lei moral, os costumes e todas as tradições e aptidões adquiridos pelo homem.

A cultura denota um padrão de significados agrupados aos símbolos e historicamente transmitidos. Expressões de forma simbólicas por meio das quais os homens se comunicam, eternizam e desenvolvem seus conhecimentos e suas atitudes em relação à vida.

Para a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura - UNESCO, a cultura afere ao ser humano a capacidade de refletir sobre si mesmo: através da reflexão, o homem discerne valores e procura novas significações. É no contexto da cultura que a religião e a religiosidade foram destacadas, podendo ambas ser consideradas manifestações culturais muito complexas.

Em Juazeiro do Norte/CE, a cultura é o modo de atuação da religião e a religião é o conteúdo mais profundo da cultura. Existe uma interdependência nítida entre o profano e o sagrado, a fé ancorada na materialidade e na concretude do espaço econômico. Ao mesmo tempo em que o inverso se torna perceptível, pois o profano se aporta na imaterialidade da fé, vindo a se erguer e solidificar através desta.

A problemática levantada no presente trabalho consistiu em mostrar como a religiosidade do povo nordestino influenciou no desenvolvimento de Juazeiro do Norte, levantando algumas hipóteses: a religiosidade do povo nordestino desenvolveu Juazeiro do Norte; o crescimento da cidade deve-se à religiosidade e o povo nordestino através de sua religiosidade desenvolveu Juazeiro do Norte.

O objetivo desta pesquisa incidiu em analisar a religiosidade do povo nordestino e sua influência no desenvolvimento de Juazeiro do Norte. A mesma procurou identificar o grau de religiosidade do povo bem como enumerar a procedência dos peregrinos. Esses, designados por

romeiros que se constitui categoria central na identidade religiosa da cidade. O trabalho também mostrou a caracterização dos tipos de romarias, além de relacionar a religiosidade com a adversidade climática e ambiental do Nordeste.

O ponto alto desta pesquisa enfatizou a intervenção de Padre Cícero objetivando a superação dos problemas, empregando seus princípios teológicos e filosóficos para consolidar uma concepção de desenvolvimento. Essa percepção era pautada na utopia da prosperidade, quimera que veio a santificar o referido padre no imaginário dos devotos, moldando a vida cotidiana do lugar tornando-o presente em todas as partes da cidade.

A concepção se delineia do profano ao sagrado, dos estabelecimentos comerciais aos templos, levando essa presença marcante na memória social e econômica, reconhecendo-o como dono da cidade.

Para alcançar os objetivos propostos neste trabalho utilizou-se de uma metodologia tradicional, tendo como parâmetro o levantamento bibliográfico para identificar conceitos, processos e fenômenos religiosos vinculados ao presente objeto de estudo. Buscou-se auxílio através de trabalhos científicos encontrados em *sites* na internet, além de publicações de revistas, artigos de jornais específicos, literatura de cordel e cancionários populares tipo característico da região. Procurou-se na literatura especializada, construir um corpo analítico para abalizar o tecido discursivo e justificar o epistemológico.

Simultaneamente foram realizadas algumas entrevistas (20), com antigos moradores de Juazeiro que conviveram com Padre Cícero ou com descendentes destes que conheceram a história contada pelos pais e/ou avós. Isto serviu como importante acervo para desvendar o objeto de estudo. É importante ressaltar que a história do aludido padre consta na memória oral da cidade de Juazeiro, o que dificulta a qualidade científica da pesquisa, sem perder a importância para a qual se propõe a autora que é mostrar a religiosidade popular no Nordeste do Brasil, num período crítico (final do século XIX e início do século XX) pelo qual passava o povo nordestino, principalmente do semiárido.

Foram aplicados questionários (200) com os romeiros para averiguar os motivos pelos quais os mencionados atores sociais visitam Juazeiro e o que aquele espaço representa para

eles, identificando o significado das romarias e considerando o sentimento coletivo que une os romeiros através da fé. Como sendo pessoas de pouca instrução, as questões foram abertas e procuravam obter destes devotos respostas simples, porém autêntica, com relação aos motivos de suas visitas. Inicialmente perguntou-se sobre a motivação que levava estes romeiros a Juazeiro e a resposta foi a religiosidade e devoção ao padre. Com referência a instrução destes, constatou-se que a grande maioria (75%) era composta por analfabetos e que tinham renda muito baixa com mais de 50% dos que respondem ao questionário, tinham renda menor que um salário mínimo. Quando questionados sobre o transporte que os levavam a Juazeiro, a resposta foi que a grande maioria vai de ônibus, pois as autoridades rodoviárias não permitem mais o transporte em pau de arara, pois era nestes caminhões que eles iam com mais prazer. Ainda foi indagado se os romeiros pretendiam voltar ao Juazeiro e a resposta foi que 88% voltariam, pois o lugar inspira paz e tranquilidade. Como eles viajam em grupos ou individual, a resposta foi que viajam sempre em grupo de várias pessoas e poucos são os que viajam sozinho, cerca de 20% apenas.

Para melhor compreensão do tema e distribuição do mesmo, o trabalho foi dividido em quatro partes que serão mostradas a seguir: No primeiro momento foram elencados e mostrados os diversos conceitos de religião e de religiosidade. Ainda neste capítulo, foram abordados a noção de religiosidade popular, catolicismo popular e misticismo. No capítulo dois pretendeu-se mostrar a caracterização da área de estudo, focalizando Juazeiro do Norte da gênese ao desenvolvimento econômico. Neste item vem à tona a história de Juazeiro, pequeno lugarejo, passando por povoado, chegando a ser vila e desencadeando no processo de emancipação política. O terceiro capítulo foi dedicado exclusivamente ao Padre Cícero, retratando sua influência no desenvolvimento de Juazeiro. Este capítulo ainda abordou as lutas políticas e religiosas enfrentadas pelo padre e até a guerra na qual Juazeiro foi envolvida. O quarto capítulo falou das festas e romarias como base do desenvolvimento econômico.

Por fim o trabalho trouxe as considerações finais onde foram abordadas algumas passagens que não foram colocadas no corpo dos capítulos. Trouxe ainda algumas conclusões de ordem pessoal da autora e sugestões que a mesma achou pertinente.

CAPÍTULO I: RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE

1.1 VISÕES ACADÊMICAS SOBRE RELIGIÃO

As religiões surgem de diversas maneiras. Algumas, como o Taoísmo, aparecem do modo de vida, das crenças, do ambiente e da paisagem de um povo. Outras, como o Zoroastrismo, teriam sido revelações. Há ainda as que se desenvolvem da vivência espiritual e filosófica do fundador, como aconteceu no caso do Budismo. Algumas se mantêm enraizadas num lugar específico, como o Xintoísmo no Japão. Muitas se espalharam pelo mundo. O avanço das religiões missionárias (começando pelo Budismo, no século III a.C, e continuando com o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo) é o exemplo mais conhecido.

Certas religiões só recentemente começaram a se expandir para além de suas pátrias. O Hinduísmo e o Taoísmo são os exemplos mais notórios. Outras foram, para todos os fins e propósitos, reinventadas – por exemplo, o Xamanismo, termo hoje usado para descrever uma infinidade de práticas espalhadas pelo mundo.

Dentro de cada religião, diferenças de opinião, muitas vezes motivadas por questões de autoridade e poder, levaram a cisões. Essas novas tradições, por sua vez, frequentemente deram origem a outras. Por exemplo, os Anglicanos são uma cisão da Igreja Católica, e os Metodistas, uma cisão dos Anglicanos.

Religiões também originaram outras totalmente novas, como aconteceu com o Judaísmo em relação ao Cristianismo. Embora o Islamismo tenha se estabelecido como tradição religiosa independente, alguns cristãos o consideram um cisma do Cristianismo, e isso durante vários séculos.

A religião pode ser considerada uma das manifestações mais antigas e universais do ser humano. E isso não é difícil de acreditar, devido ao observado no transcorrer da história. Os anais não ratificam a presença de nenhuma cultura que no emanar de sua existência não possuísse ritos direcionados a um encontro com a transcendência, e com as soluções que

aclarassem as interrogações acerca da origem e sentido da vida. No cotidiano da sociedade é provável reconhecer que tal procura sempre foi algo impagável no homem em todos os séculos.

Todavia é perceptível na humanidade a busca por explicações para o cerne da religião ao mesmo tempo em que nega a sua essência através da ciência, algo como um deslumbramento do qual não consegue se libertar, podendo ser reconhecida por GEERTZ como a “*variável dependente favorita de todo o mundo*” (TEIXEIRA, 2003, p.202). O que torna a religião tão atraente até hoje ainda é um mistério. Continuando a reflexão no pensamento de GEERTZ, sob o comentário de GIUMBELLI (2003, p.230):

“A religião vem para garantir a interpretabilidade das situações que compõem e interpelam a experiência cotidiana, suscitando questões acerca da (des) ordenação do mundo, da persistência da dor e dos paradoxos éticos. A religião não se propõe necessariamente a eliminar a perplexidade, o sofrimento ou o mal, mas a assegurar que o mundo seja intelectualmente compreensível, que a dor seja emocionalmente suportável, que o mal seja moralmente justificável”.

A religião é constituída de uma crença que é gerada pelo desejo e pela impossibilidade à realidade. O homem permuta o real pelo ilusório, como um passe de mágica, para suportar os terrores da vida, buscando consolo e proteção. Essa religião tem voz ativa nas representações que ele faz do mundo e de si mesmo e tem condições de influenciar a maneira como age, e assim convertem e reproduzem as estruturas da sociedade.

Para muitos a religião é à base da sociedade, um alicerce sólido em defesa das frustrações da vida. “*Uma ilusão coletiva, cujo objetivo é dominar o sentimento de impotência que todo homem experimenta frente às forças hostis, segundo FREUD (In ALVES, 2007, p.52).*

A religião pode ser descrita como uma forma particular e espontânea de expressar os caminhos que os menos favorecidos escolhem para entender suas dificuldades no cotidiano. Para Durkheim in SANCHIS:

“A religião supõe a ação de forças sui generis, que elevam o indivíduo acima dele mesmo, que o transportam para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência profana, e que o fazem viver uma vida muito diferente, mais elevada e mais intensa” (2003, p.62).

Pelo pensamento de Durkheim a religião leva o indivíduo para muito além da sua capacidade natural, permitindo a sensação de poderes sublimes para suplantar os obstáculos, logo, o homem determinado por algo que é maior do que ele mesmo. É nesse discurso que os verdadeiros fiéis caminham de encontro a tudo e a todos que tentarem negar a existência desse poder. Prossegue ressaltando Durkheim (SANCHIS, 2003, p.62). *“O homem que obedeceu a seu Deus e que, por essa razão, acredita tê-lo consigo, enfrenta o mundo com confiança e com o sentimento de energia fortificada”*.

A religião denota uma necessidade íntima do ser humano em defesa das frustrações e desdita da vida. Para Marx, citado por ALVES: *“A religião é o produto de uma sociedade irracional e opressiva, um conjunto de ilusões necessárias para que o homem possa suportar as correntes que o escravizam”* (2007, p.43).

A condição desfavorável vivenciada pelas classes oprimidas leva-as a fugir das correntes que as escravizam, por exemplo, a fome e a seca no sertão nordestino, e a se agarrarem à crença de que algo sobrenatural pode modificar toda conjuntura. É nessa condição de atraso social, político e econômico, que a massa pobre e miserável encontra esperança na religião, é através da fé que as portas do céu se abrem e a perspectiva de salvação se torna uma recompensa por tantos sofrimentos.

É nesse contexto que Marx afirma que a religião é *“o suspiro da criatura oprimida”* (TEIXEIRA, 2003, p.15). Portanto, resolvidos os problemas sociais e econômicos com o auxílio das lutas de classes, os homens deixariam para trás a imaginação da religião que ALVES (2007, p.47) alega ser a *“consciência de uma ausência”*, de algo que o ser humano carece e que nem mesmo sabe identificar o que é. Ainda sobre a imaginação, o mesmo autor enfatiza as palavras de MANNHEIM ao dizer que:

...surge da insatisfação do homem com a realidade existente, e por isso, em todas as suas multiformes expressões, encontramos sempre uma inclinação daquilo ‘que faltava na vida real’ (...) a função da imaginação é realizar o irrealizável, possibilitar o impossível (ALVES, 2007, p. 47, 49).

Partindo da imaginação e/ou ilusão é que a religião endossa o *status quo*, levando os oprimidos a aceitarem a disparidade de que são vítimas.

Foto 01 - Aglomerado de Romeiros em Juazeiro do Norte/CE



Fonte: www.hotsite.verdesmares

Todavia, a religião é algo que serve para contrabalançar, abonar e encobrir a exploração. *Não passa do sol ilusório que gravita em volta do homem, enquanto o homem não gravita em volta de si mesmo*, segundo o posicionamento de Marx (TEIXEIRA, 2003, p.31). A religião tendo a sua grandiosidade, sua luz, seu calor, sua vida própria, enquanto o homem, como astro iluminado ou dependente, permanece como receptor.

Para LÖWY a religião “*é uma das formas significativas de consciência utópica, uma das expressões mais ricas do princípio esperança*” (LESBAUPIN, 2003, p.31).

De forma geral, em toda existência da humanidade, o homem sente a necessidade de algo ou alguém para venerar. Algumas sociedades ou grupos sociais cultuam entidades divinas de forma unitária e outras acreditam ser possível adorar e cultuar várias divindades, o que deu origem a múltiplas formas religiosas. Muitas religiões na Antiguidade eram politeístas. A veneração a diversos deuses advoga que existam múltiplos seres que são deuses por natureza e que são alvos de adoração e serviços sagrados.

Desde os primórdios a Humanidade vem buscando explicação para a sua própria existência. Os estudiosos do assunto questionam a veracidade da existência de um deus. E, se verdadeiramente existir um deus que conduz a vida do indivíduo, provavelmente ele terá uma forma diferente da existente no ser humano.

1.2 - Religiosidade Popular

Imbuídos de símbolos e signos os lugares sagrados atraem os iguais através da identificação. Expressão e linguagem do sentimento coletivo, os símbolos estão presentes nos espaços sagrados, passando os mesmos a serem considerados espaços simbólicos.

O monumento é uma representação de poder e identidade de instituições ou grupos, os quais objetivam comunicar uma ideia ou conjunto de valores. A cerca dos monumentos considerados sagrados, CORREIA in ARAÚJO, afirma:

“As instituições religiosas... ao construírem seus templos e outras formas simbólicas materializam o local do culto e exibem o poder da instituição ao comunicar mensagem religiosa proclamada, que une e identifica a comunidade de seus fiéis”. (2005, p.142).

Em Juazeiro do Norte percebem-se vários desses monumentos, cada um com sua importância no contexto da religiosidade dos romeiros e alguns deles a estátua de Padre Cícero no alto do horto, a estátua da praça da matriz e o túmulo de Padre Cícero.

A fala do autor é retratada na foto a seguir (Foto 02), onde a estátua de Padre Cícero é venerada por milhares de seguidores.

Foto 02- Estátua de Pe. Cícero na Serra do Horto: lugar sagrado para romeiros



Fonte: www.hotsite.verdesmares

Por intermédio de composições e envoltimentos profundos, as pessoas e os grupos assimilam costumes, emoções e tradições de outras pessoas e de outros grupos e, de alguma forma, repartindo suas histórias, findam como que unificados numa mesma experiência cultural. E a religiosidade versa nas formas palpáveis, naturais e instáveis que estão acopladas a crenças, mitos e símbolos usualmente desprovidos de maior organização e sistematização.

As formas de religiosidade europeias, particularmente portuguesa, são cristãs, mas com forte influência mística das tradições medievais do mundo feudal e ajudam a formar um país. Complementando:

“Retrocedendo aos primórdios da instalação do sistema colonial português com seu projeto salvacionista que se concretizou através de alguns empreendimentos fundantes no primeiro século, a começar pela catequese e a criação das irmandades religiosas, usadas como instrumentos de evangelização, o catolicismo foi introduzido nas populações nativas, colonos e escravos. Os grupos étnicos envolvidos nestas empresas salvacionistas assimilaram o catolicismo a sua maneira, com crenças e ritos peculiares, de origens diversas, indígenas, e negras, assim como o colono português quinhentista com suas crenças remotas nas divindades pagãs”. (ANDRADE, 2009, p.108).

Os portugueses tiveram uma importância marcante para a formação religiosa brasileira. Vinda daqueles, a tradição cristã, combinada com as crenças e costumes dos vários povos

ameríndios e africanos, construíram o mosaico religioso do país. Portanto, COMBLIN apud OLIVEIRA (2009, p.29) afirma que:

“No Brasil a heterogeneidade e a multiplicidade das fontes são particularmente marcantes: há influências européias, africanas e ameríndias. Se só as primeiras são fontes cristãs, as duas outras intervieram na formação das estruturas do catolicismo brasileiro”.

É importante focar que os ameríndios e os escravos africanos eram batizados pelos colonizados sem levar em conta o desejo consciente de tornarem-se verdadeiramente católicos, mas pelo envolvimento hegemônico português. A forma mais intensa do Cristianismo no Brasil que é o catolicismo, ao penetrar no país, foi influenciada por ordens religiosas assumindo uma identidade própria, diferenciada do catolicismo europeu, com influência das irmandades nas igrejas e expressões devocionais manifestas através das *“romarias, das promessas e ex-votos, das procissões e festas dedicadas aos santos”* (BARROS, 2008, p.143).

Além das intensas expressões corporais manifestadas através das danças, do transe e do sacrifício com sangue, conferindo ao catolicismo brasileiro características genuinamente arraigadas, tornando, por meio da fé, quase impossível uma separação entre a religião e as decisões da vida secular. Essas multiformes formas de cultuar são enfatizadas por TEIXEIRA (2009, p.20) quando diz que:

“Foi o culto que marcou a peculiar dinâmica religiosa brasileira, de caráter predominantemente leigo, seja nas confrarias e irmandades, seja nos oratórios, capela de beira de estrada e santuários. O catolicismo brasileiro foi, durante muito tempo, um catolicismo de ‘muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre’. Os santos sempre ocuparam um lugar de destaque na vida do povo, manifestando a presença de um ‘poder’ especial e sobre-humano, que penetra nos diversos espaços de vida e favorece, numa estreita aproximação e familiaridade com seus devotos, a proteção diante das incertezas da vida”.

No catolicismo brasileiro essa prática é bastante vivenciada, principalmente em Juazeiro, onde a veneração ao Padre Cícero era praticada quando ele ainda era vivo, como mostra a foto (Foto 03).

Foto 03. A Religiosidade do Nordeste e as beatas seguidoras de Pe Cícero



Fonte: Prefeitura Municipal de Juazeiro

A religiosidade brasileira está intrínseca na alma desse povo que, embora não faça parte direta das leis que regem a nação, por pensamento, palavras e obras está inserida em seu contexto, como assegura BOFF:

“Uma religião, como Cristianismo, conserva e enriquece sua universalidade, na medida em que é capaz de falar todas as línguas e de encarnar-se, refundindo-se em todas as culturas humanas. É este sincretismo que postulamos como válido, embora possa manifestar patologias”. (BOFF apud BITTENCOURT FILHO, 2003, p.67).

Esta atmosfera humana, assim levemente tracejada, marcada por uma cultura popular fortemente instituída, aliada a uma onda mística e religiosa, favorecia ao nascimento de lideranças, chamados beatos. No Juazeiro e em diversas partes do Nordeste, principalmente nos sertões sofridos pelas adversidades das secas, apareceram muitos desses beatos, os quais ajudaram a enraizar a fé nesses seguidores que tinham em Padre Cícero o seu referencial.

1.3 Religiosidade Popular no Nordeste

A região Nordeste foi considerada, pelo Censo de 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) como a região mais católica do Brasil, se qualificando entre os

maiores índices de todo o país. O estado do Ceará ocupa o segundo lugar (93%), perdendo apenas para o Piauí (95%).

O imaginário popular da geografia nordestina é rico no predomínio de ritos ponderados não institucionais, que interpretam certas maneiras de se vivenciar a revelação do transcendente evidente nas horas de celebração, de forma mais localizada, nas regiões sertanejas do Nordeste brasileiro. É importante frisar:

“O universo do catolicismo popular é o cotidiano ideológico de uma práxis de luta acerba pela sobrevivência de uma sociedade imprensada entre o determinismo da seca e o determinismo social de uma economia subsidiária [...] deixando evidente a presença de um conflito latente entre dominadores e dominados [...] O sacerdote é o produtor de ideologia, mas é também um membro da camada dominante servida por essa ideologia”. (BARROS, 2008, p.67).

O catolicismo vivenciado nas zonas rurais, enfrentando as classes sociais, dominantes *versus* dominados, afrontando o controle eclesial, composto de uma textura de irracionalidades e, ao mesmo tempo, de arcaísmo, é assim enfatizado por SILVA (s.n.t.) em seu discurso:

“O comportamento dos devotos sertanejos tem a ver com os missionários das Santas Missões a partir do século XVII que vivenciavam sua crença através de ações comunitárias formando uma relação com os fiéis de fé e ação, desassociando-se em parte da doutrina eclesiástica e interligando com comunidades lideradas por beatos e conselheiros, dando origem aos movimentos sócio-religiosos nos sertões nordestinos [...] Sendo assim, no universo sertanejo, onde a figura do cangaceiro contracenava com a do beato, a rotina das famílias poderia ser quebrada pela presença inesperada de um bando de cangaceiros, violentando e matando, ou de um beato, prometendo a salvação para suas almas pecadoras”.

Nesse mundo é perceptível a incorporação do bem com o mal, do beato com o cangaceiro, onde o líder servia de modelo em qualquer circunstância.

A foto abaixo mostra o nível de consciência destes seguidores em defesa de sua fé, dotando-os de uma coragem arraigada a ponto de se transformarem em soldados, cangaceiros ou até bandidos, sempre em nome da fé.

Foto 04. Grupo de Seguidores de Padre Cícero



Fonte: www.hotsite.verdesmares

Dentre os beatos os mais conhecidos foram Antonio Conselheiro (Ceará) do movimento religioso intitulado Canudos e o beato José Lourenço (Paraíba). O primeiro teve uma infância sofrida convivendo com um pai alcoólatra e foi traído por sua esposa. Depois desses conflitos familiares ele levou uma vida de andarilho pelos sertões nordestinos até formar um movimento religioso e se tornar líder e conselheiro dos marginalizados e excluídos. O segundo era seguidor de Padre Cícero. Viveu nas terras doadas pelo sacerdote onde fundou a Comunidade do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto.

Vivendo em sistema de mutirão e com muita oração pelos seus seguidores, em meio a tudo isso, teve muitos atritos com os poderosos na época da ditadura de Vargas. Os menos afortunados migravam de toda parte na esperança de participar dessas sociedades igualitárias, que para os poderosos eram considerados comunismo. Assim:

“Nessas comunidades, as relações de produção se estabelecem de forma diametralmente oposta às vigentes na sociedade global. No Caldeirão como em Canudos os beatos (Jose Lourenço e Antonio Conselheiro), enquanto produtores de ideologia, reeducam o povo para abandonar a ideologia do enriquecimento pessoal em troca do enriquecimento

coletivo, o que eles vão conseguir através da colocação da mensagem cristã como mobilizadora e norteadora das formas de relação dos homens entre si e com a natureza. [...] A religião deixa de ser nessas condições específicas apenas uma ‘forma de representação’, transformando-se também numa ‘ação sobre o mundo’, agindo eficazmente sobre a realidade. Organizada a cidade santa, dois universos existem para os fiéis: a realidade igualitária no interior de seu mundo e a realidade mais ampla e envolvente da sociedade global”. (BARROS, 2008, p.159).

Os beatos tinham suas próprias leis que regiam o grupo e eram produzidas por eles mesmos, utilizando a hierarquia de comando e a fidelidade à doutrina igualitária. Sobre o cangaço e a religiosidade nordestina, SILVA (s.n.t.) afirma em seu discurso:

“Essa conduta religiosa do cangaceiro não é algo que estivesse à margem da sociedade sertaneja, ele sim era um marginal [...] As práticas religiosas e suas crenças eram as mesmas dos seus amigos, inimigos e de suas vítimas. Afinal de contas, tanto o espaço – o sertão -, quanto às viagens – o caráter mestiço de nossa cultura – era os mesmos. Portanto, para o sertanejo, determinados costumes, como rezar o terço, o rosário, fazer penitência, promessas para santos, acreditar em que pode fechar o corpo contra inimigos externos, usar patuá fazia parte de seu cotidiano. Não podemos esquecer que os cangaceiros eram pessoas simples do sertão, apegadas a essa religiosidade, aos santos protetores e que tinham como intercessores os padres, que, como evangelizadores, não podiam negar a crença de uma pessoa pelo fato de ser bandido. Afinal de contas, antes de ser bandido, o cangaceiro era um cristão devoto”.

O cotidiano da vida e sua veneração pelos santos, seus milagres e os pecados do povo nordestino, particularmente do sertanejo, é lido e cantado em versos pela literatura de cordel, exposta em barbantes (daí o nome cordel) e vendida em mercados e feiras. Essa manifestação cultural é muito valorizada no Nordeste abordando aspectos políticos e principalmente religiosos, caracterizando a miscigenação do Cristianismo na região como comenta KUNZ (1994, p.31):

“Dentro da literatura de cordel, a temática religiosa constitui um ciclo importante. Inúmeros folhetos abordam unicamente assuntos religiosos: vida de santos, relatório de milagres, ABC da missa, profecias. Em quase todos os folhetos há traços evidentes de moral católica, a maior parte contém uma exortação ao bem, revelando, quase sempre, temor a Deus e respeito à Igreja”.

Nesse misticismo encontrado nas regiões áridas do Nordeste, a força dos coronéis e o poderio dos latifundiários, ocupam o mesmo espaço dos desafortunados e excluídos. O banditismo que convive com a fé e a religiosidade do povo é mostrado diariamente nas folhas impressas com capas xilogravadas da literatura de cordel. Isso para muitos já deveria fazer parte do panorama cinematográfico, tendo Juazeiro como cenário e Padre Cícero como ator principal. Concluindo:

“Além de ser considerado o principal santo do catolicismo popular do Nordeste, o Pe. Cícero disponta também como a personagem religiosa mais importante da LC brasileira. Sua história – que se confunde com a da cidade que adotou como lar – é contada e cantada pelos cordéis e cantadores desde o princípio de seu apostolado. Sua figura carismática, misto de líder religioso e político, que transparece em sua sagacidade e determinação no trato dos assuntos de ambas as categorias; seu tino de administrador das querelas políticas de seu lugarejo, aliada a aura mística de ‘fazedor de milagres’, forma o pano de fundo de uma história que terá como consequência a criação das mais belas páginas desse ciclo temático da poesia popular nordestina”.
(LIMA, 2008, p.112)

O apelo aos santos vivos é o retrato da religiosidade vivenciada pelos devotos em Juazeiro do Norte em adoração ao “eternamente vivo”, o sacerdote Cícero Romão Batista. Esse movimento religioso e popular teve grande amplitude e uma duração de quase meio século (1889 a 1934). Esse assunto será abordado mais intensamente nos capítulos seguintes.

No que se refere à religiosidade sincrética destaca-se outro sacerdote conhecido como sucessor de Padre Cícero, Frei Damião de Bozzano, que nasceu na Itália no final do século XIX, pertencente à ordem dos Capuchinhos. Ele chegou ao Brasil em 1931, precisamente em Recife e é considerado como santo milagreiro pelo povo nordestino, mesmo sem o reconhecimento oficial da hierarquia da Igreja Católica. Morreu em 1997, com 98 anos de

idade, dos quais, 76 consagrados ao ministério nas regiões mais carentes do Nordeste brasileiro. E até hoje existe romaria em sua adoração.

O Santuário de Santa Quitéria é outro exemplo interessante encontrado no município de São João, a seis quilômetros da cidade de Garanhuns, no estado de Pernambuco, em terras da família Guilherme da Rocha. A imagem de quarenta e quatro centímetros cravejada de brilhantes era venerada apenas na Europa, porém no final do século XVII chegou ao Brasil. Em decorrência do altar da referida santa estar situado numa simples casinha de uma propriedade particular, a Igreja Católica não tem livre acesso para realização de seus rituais institucionais, apesar da romaria ser antiga e intensa na localidade.

Esse capítulo não poderia ser encerrado sem contemplar um poema da literatura de cordel escrito por Abraão Batista apud LIMA (2008, p.117-118).

“A igreja o condenou, mas Padre Cícero cresceu
Crato o repudiou, o que ele não mereceu
mas Juazeiro do Norte, com carinho o acolheu

Pra mim Padre Cícero foi, um assistente social
pois aqui no Brasil todo, ninguém encontra um igual
foi conselheiro amigo, e político sem rival

Padre Cícero foi e é, a nossa carta principal
e um coringa valente, na crista do ideal
e o tempero do povo, e molho, açúcar e sal.

E o alimento do povo, e o emprego que ele tem
em nome dele, se ganha, e o trabalho que vem
em nome do invisível, dizendo: é santo, Amém”.

CAPÍTULO II - JUAZEIRO DO NORTE: DA GÊNESE AO DESENVOLVIMENTO

2.1 - Caracterização da Área de Juazeiro do Norte/CE

O estado do Ceará, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pertence à região Nordeste do Brasil. É um estado com uma superfície de 148.000 km² e está inserido no Polígono das Secas com uma pluviosidade abalizada por chuvas irregulares.

O município de Juazeiro do Norte, que faz parte do estado do Ceará, é um dos menores municípios do Brasil com uma área de 248,558 km², cujas coordenadas geográficas são: latitude 7° 12' 47'' sul; longitude 39° 18' 55'' oeste; limitando-se ao norte com o município de Caririáçu; ao sul com Crato, Barbalha e Missão Velha; ao leste com Missão Velha e Caririáçu e ao oeste com Crato.

Quanto ao clima do município é o semiárido, com médias anuais de pluviosidade comumente inferiores a 1000 mm. Além disso, as chuvas concentram-se num período curto, em média três meses ao ano, de janeiro a março. Às vezes, esse período de chuva é ainda menor ou simplesmente não existe durante um ano ou mais, o que ocasiona as chamadas secas regionais. A temperatura varia entre 18°C, no período conhecido como inverno e 32°C no verão.

Em algumas localidades de altitude mais elevada e temperaturas mais amenas surgem os brejos, semelhantes aos oásis no deserto, resultantes de efeitos combinados de altitude e exposição do relevo às massas de ar que, em seu deslocamento anual, atingem essas áreas proporcionando paisagens naturais diferenciadas permitindo a utilização agropecuária. Juazeiro está exatamente neste pedaço de terra “úmido” rodeado de aridez por todos os lados.

O relevo do município, onde a cidade de Juazeiro do Norte foi erguida, faz parte da formação geomorfológica denominada de vale do Cariri encravado entre as elevações da Chapada do Araripe. É uma formação sedimentar mais recente. Segundo o Serviço Geológico do Brasil:

“Dois compartimentos morfológicos são observados no município: as formas aplainadas, pouco dissecadas da Depressão Sertaneja e a sul, mais destacado na topografia, o relevo de planalto da chapada do Araripe. Solos aluviais e podzólicos são registrados na área...Sob o ponto de vista geológico o substrato do território é formado por xistos, quartzitos e granitos do Pré-Cambriano indiviso, conglomerados e arenitos do Paleozoico e arenitos e calcários do Mesozoico”. (CPRM,1999, p. 04).

A caatinga é a vegetação típica do clima semiárido. Ela é constituída por árvores e arbustos com espinhos e uma casca grossa que retém a água, plantas conhecidas como xerófitas, que perdem suas folhas no decorrer da longa estação seca, principalmente cactácea como mandacaru e xiquexique. As altas temperaturas e a elevada evaporação são responsáveis pelas adaptações típicas dessas espécies da caatinga. As folhas miúdas, que esse tipo de vegetação possui, contribuem para diminuição da evaporação. Além de algumas palmeiras aparecem árvores como a braúna e o juazeiro, esse último com suas raízes profundas captam água em lençóis subterrâneos.

Quando chove, no início do ano, a paisagem se transforma completamente. As árvores cobrem-se de folhas e o solo fica forrado de pequenas plantas. E a fauna volta a ter seu alimento e a beleza da paisagem encanta os olhos dos sertanejos.

Outro tipo de vegetação encontrado no Cariri com menor frequência é o cerrado que é constituído por uma vegetação caducifólia, também típica do semiárido. O cerrado apresenta dois tipos de estratos de plantas: um arbóreo, com arbustos de galhos retorcidos e casca grossa, firmado por raízes profundas para alcançar a água do subsolo, tais como a lixeira, o pau-santo; um herbáceo, de gramíneas ou vegetação rasteira.

No Sertão nordestino a maioria dos rios é intermitente, secando durante a longa estiagem. O leito dos rios é usado para o plantio devido à maior proximidade dos lençóis freáticos. Alguns outros rios sertanejos foram perenizados artificialmente por meio da construção de represas e açudes. O município de Juazeiro do Norte está totalmente inserido na bacia hidrográfica do Salgado, e mostra como principais drenagens os riachos Macacos e Batateira, e como principal reservatório o açude Riacho dos Carneiros.

O município de Juazeiro do Norte tem uma superfície de 248,558km² e uma população (estimativa de 2009) de 249.829 habitantes e é a maior cidade do interior do Ceará junto com Crato e Barbalha (conurbação Crajubar) desempenham intensa influência sobre todo sul do próprio estado e sobre os estados vizinhos com seus serviços gerais. Pertencendo a Mesorregião Sul Cearense e Microrregião Cariri, com uma taxa de urbanização de 95,3%, a Região Metropolitana do Cariri é formada pelos seguintes municípios: Barbalha, Caririaçu, Crato, Farias Brito, Jardim, Juazeiro do Norte, Missão Velha, Nova Olinda e Santana.

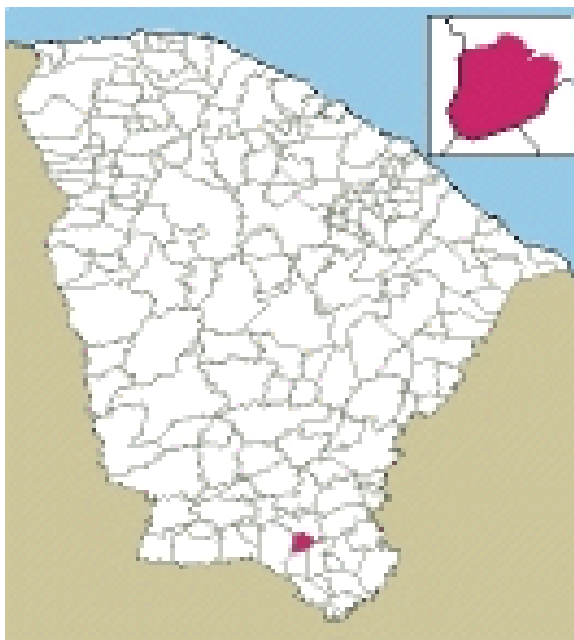
Mapa 01. Localização de Juazeiro do Norte no Nordeste



Fonte: PNUD, 2000

O mapa 01 reflete a posição geográfica de Juazeiro do Norte perante as outras cidades do Nordeste, principalmente as capitais. Nota-se a centralidade de sua localização. Já no mapa 02, observa-se a sua localização no estado do Ceará, ocupando a porção sul do estado e a proximidade dos estados vizinhos como: Pernambuco, Paraíba, Alagoas, Sergipe, Bahia e Piauí.

Mapa 02. Estado do Ceará Localização de Juazeiro do Norte



Fonte: PNUD, 2000

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2007, Juazeiro do Norte tinha um Produto Interno Bruto (PIB) de R\$1.165.066,00 e foi qualificado como o 41º do Nordeste e 283º do Brasil e a sexta maior evolução do PIB no interior nordestino no ano 2006 (11,72%). Completando esses dados o IDH é de 0,697, segundo (PNUD, 2000, p.6).

Juazeiro está localizado num entroncamento, cercado por chapadas, encravado num vale fértil que favoreceu o seu desenvolvimento agropecuário e a instalação de várias indústrias. Cortado por rodovias estaduais (CE-292 e CE-060) que facilitam o acesso de cargas e passageiros das cidades que formam a região metropolitana e as dos estados com os quais se limita.

O município de Juazeiro do Norte, encravado no Vale do Cariri, ao sul do Ceará, desde a sua origem, na fazenda Tabuleiro Grande, pertencente ao Crato (CE), tem sofrido significativas transformações no âmbito socioeconômico, cultural, religioso, demográfico e urbanístico. Tudo começou com:

“O lançamento da pedra fundamental de uma capela em honra de Nossa Senhora das Dores, em 15 de setembro de 1827, no local denominado Fazenda Tabuleiro Grande (município do Crato), de propriedade do brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, marca o início da história do lugar que hoje é a cidade de Juazeiro do Norte (...) Conta-se que três frondosos juazeiros existentes em frente à capela, a margem da antiga estrada Missão Velha – Crato – passaram a ser pousada obrigatória de viajantes e tropeiros, que viviam em andanças pelos sertões. Com o tempo, começaram a surgir às primeiras moradias e pontos de negócios, tendo início o povoado. A fundação da cidade, porém, se deve ao Padre Cícero”. (WALKER, 2003, p.05).

A principal atividade econômica era a pecuária cujas “casas grandes” ficavam distantes do núcleo urbano do povoado. Os engenhos de cana de açúcar, fabricando principalmente a rapadura, eram também de grande destaque nesse vale. O simples povoado de Juazeiro possuía somente alguns casebres de taipa e poucos de tijolo além da capelinha.

A presença de árvores chamadas juazeiros sombreando o lugar atraía os viajantes que amarravam seus animais e aquietavam-se para um pequeno descanso e uma conversinha boa.

É importante lembrar que Juazeiro era um entreposto comercial, parada quase obrigatória dos tropeiros e viajantes.

“O lugarejo era um antro de perdição e os missionários que esporadicamente passavam por lá não tinham uma vida muito digna e não escondia isso dos fiéis. Na época em que Juazeiro pertencia ao Crato, um viajante inglês que visitou a cidade, em 1838, dizia que ‘ficou chocado com o número de padres que possuíam amantes e filhos ilegítimos, os quais eram exibidos, despudoradamente, em público’. (CAVA, 1977, p.27).

As pessoas que frequentavam o lugarejo eram viajantes, alguns com rudimentos de fé, outros apegados aos vícios mundanos e todos dominados pelo coronelismo reinante na região.

2.2 – Histórico da Povoação

O topônimo Juazeiro deve-se a uma conhecida árvore, muito comum no Nordeste, que resiste à seca mais inclemente, permanecendo sempre viçosa chamada cientificamente ZIZIPHUS JUAZEIRO. A palavra é híbrida, tupi-portuguesa: *juá* ou *iu-á*, (fruto de espinho), mais o sufixo *eiro*.

Foto 05. Árvore Chamada Juazeiro



Fonte: www.hotsite.verdesmares

Chega a ter certa significação a relação feita pelos devotos entre Juazeiro (árvore) e Juazeiro (cidade). Ambas dão fruto que alimentam a necessidade básica do povo sofrido da região. Um saciando a carne e outro trazendo benefícios terapêuticos para a alma dos fiéis que residem e/ou frequentam em peregrinação.

Quando Padre Cícero chegou ao local e percebeu a situação espiritual que pairava, ele se identificou ministerialmente e tentou impor a ordem sendo até necessário usar o cajado e tomar atitude drástica. Complementando o raciocínio CAVA enfatiza:

“São factuais os relatos do sucesso que teve o Padre Cícero em trazer de volta à Igreja os elementos desordeiros da população de Joazeiro. Vários autores, inclusive os naturais da cidade, afirmam que os elementos lascivos e criminosos moravam na localidade. Eram dados à bebida e ao samba que, naquela época, se considerava sensual e degenerado, por ser originário dos escravos. Há até mesmo uma insinuação de que várias prostitutas se tinham estabelecido, em caráter permanente, no povoado-encruzilhada. Padre Cícero não era contrário à punição pública de pecadores. Proibiu danças, fez com que os homens parassem de beber e obrigou as prostitutas a confessarem os seus pecados, fazendo penitência pública e emendando suas vidas. Relativamente em pouco tempo, diz-se que Joazeiro retornou à ordem, graças ao trabalho de seu capelão”. (CAVA, 1977, p.37).

Com a expansão econômica da região, a probabilidade da promiscuidade aumentar era enorme. É notório o trabalho árduo feito pelo Padre Cícero tanto no âmbito religioso quanto no social, restaurando vidas e transformando aquele lugar num santuário religioso, como fazia o Padre Ibiapina através das Casas de Caridade administradas pelos beatos e beatas que visavam levar educação, saúde e auxílio religioso ao povo. Essas Casas de Caridade e as oficinas se espalharam pelo entorno de Juazeiro. O jeito simples e carismático do padre contagiava a população que cada vez mais se entregava à religião e ao trabalho.

Para auxiliar no alcance do seu objetivo o Sacerdote tinha um lema que ficou marcado na sua história: “Juazeiro, em cada casa uma oficina, em cada casa um oratório.” O padre imbuído da função de sacerdote aconselhava a orar e trabalhar. Com esse lema implantado em um Nordeste predominantemente rural, com perfis escravocratas, reacende no sertão uma nova forma de vivenciar o trabalho perpetuado à construção de labor onde a justiça, a igualdade e a liberdade imperam.

Em meio à consternação, a desordem e ao flagelo que enxotavam os viajantes, o Cariri se tornou um abrigo: “*levas e levas de miseráveis sem terra e sem trabalho, que ali encontravam pelo menos água, multiplicando-se os bandos de cangaceiros ou os redutos de fanáticos*” (FACÔ, 1976, p.124). O binômio oração-trabalho incentivado por Padre Cícero enleva o devoto de tal maneira que o sofrimento fica mais suave e leve quando oferecido em

gratidão ao Transcendente tornando possível a estabilização de um ideário social, econômico e também político sobre o lugar.

Imposta a ordem, o que era um centro de fanatismo religioso converte-se, de modo sutil em importante força econômica e política do Vale do Cariri. Com o fechamento dos prostíbulos e bares era necessário o surgimento de outra forma de sustento para essas pessoas.

Para que essa evolução ocorresse Cícero teve de enfrentar fortes secas, tais como, de 1888, 1889, 1900 e 1915 além de um cenário recheado de violência, insensatez e descaso dos governantes. E foi nesse panorama, no final do século XIX com a Guerra Civil ocorrendo nos Estados Unidos, que o Nordeste brasileiro supriu o mercado inglês com a produção de pluma. Contudo, no grande momento de crescimento industrial, a seca freia o impulso minando a vida de vários trabalhadores. Em meio a essa dificuldade, crescia a produção cafeeira no sul e sudeste do país. Também florescia a borracha nas florestas equatoriais do norte do Brasil. A produção de café supriu suas necessidades utilizando a mão de obra imigrante e os seringais apelaram para os nordestinos que se deslocaram em massa para os seringais com incentivos governamentais. Enquanto alguns pensavam em migrar para esses lugares mais prósperos, a força e os conselhos do Padre fizeram a diferença sustentando-os na região, animando os devotos a continuar trabalhando para evitar a fome, ao mesmo tempo em que sustentassem a fé, dirigindo promessas aos santos para pedir chuva.

A escassez de mão de obra que grassava em outras regiões, não atingiu o Vale do Cariri, que apontou como uma das raras regiões do Sertão árido que, em vez de perder, adquiriram mão de obra barata.

É conveniente frisar a participação feminina no crescimento do lugar, como beatas auxiliando o Sacerdote nas atividades eclesásticas, além de assistência social e trabalhos mais árduos como as atividades agrícolas e até na construção do fosso na luta pela sedição e emancipação do município, como ressalta OLIVEIRA:

“Juazeiro era ainda um pequeno povoado, quando os trabalhos manuais já ocupavam lugar de destaque, começando pelas mais rudes – fiar e tecer. As mulheres fiavam para costurar, um fio bem fino a que chamavam de linha; e fiavam, para o tear o fio comum. Teciam – redes e panos para confeccionar lençol, toalha e mesmo roupa – para os homens usarem nos trabalhos de roçado. Eram confeccionadas pelas senhoras da terra que foram pouco a pouco ensinando os mesmos trabalhos às jovens, constituindo, juntamente com a renda de almofada o principal gênero de trabalho feminino a que se dedicavam as famílias do povoado”. (OLIVEIRA, 2001, p.300).

Na ocasião que Juazeiro passava por essa degradação moral, o mundo estava vivendo um dos mais acentuados momentos, a Revolução Industrial, a criação da máquina e o crescimento da produção. Todavia, o Cariri estava começando a passar pela Revolução Agrícola. Quando o sacerdote morreu as duas revoluções já estavam acontecendo no local. Hoje a cidade vivencia o impacto da Terceira Revolução com a mudança da economia regional e a presença de uma infraestrutura evoluída se comparada à circunvizinhança.

Todos os romeiros eram leais ao Padre Cícero, que os atraía a si através da fama de “milagreiro”, ele os convocava ao trabalho como um verdadeiro “*czar da mão de obra*”, expressão usada por MOURA (2004).

Os devotos constituíram um ótimo contingente de trabalho, pois os latifundiários, pela falta de braços, resumiam suas plantações. Esses senhores ilustres eram opressores dos desprovidos, marginalizavam os sertanejos, excluindo-os do direito a uma vida digna.

O Padre Cícero como um dos coronéis, chegou a estimular seus devotos a serem mão de obra barata na construção de açudes e na colheita de produtos agrícolas e alguns desses trabalhadores conseguiram se equilibrar financeiramente na região, chegando a possuírem suas terras e paralelamente aumentava o patrimônio do Sacerdote.

Seguindo esse raciocínio, OLIVEIRA destaca:

“Somente o Padre Cícero poderia realizar tão grande empreendimento, porque o povo obedecia e confiava nele. Não era em vão esta confiança; muitos daqueles que se dedicaram ao cultivo da mandioca começaram o trabalho em situação precária recebendo dele dinheiro e animais para ajudar nos trabalhos culturais e chegaram a adquirir recursos pecuniários suficientes, tornando-se proprietários abastados. O crescimento agrícola continuou, expandiu-se até a Chapada do Araripe. Cícero era um homem inteligente e percebia as aptidões de seus fiéis e ia encaixando-os onde fosse necessário de acordo com a capacidade intelectual e a força física. Como empreendedor comprava equipamentos agrícolas e distribuía os devotos uma parte no roçado, outra na criação de gado”. (OLIVEIRA, 2001, p.295).

Os romeiros foram ocupando as terras improdutivas que pertenciam à União ou comprando lotes pequenos para desenvolver uma agricultura de subsistência e comerciais além das oficinas caseiras que cresciam em vários segmentos.

Foto 06-Terras improdutivas da União foram transformadas pelos romeiros



Fonte: www.hotsite.verdesmares

O importante era a ocupação de toda a família, tanto nos estudos como na aprendizagem de uma profissão. Esse era o lema adotado pelo sacerdote segundo SOUSA:

“...os meninos para as escolas primárias, particulares ou públicas, pagando do seu próprio bolso, as despesas dos mais pobres. Entretanto, encarando o lado prático da vida, determinava que os pais colocassem seus filhos nas oficinas de sapateiros, ourives, funileiros, ferreiros, etc”. (SOUSA, 1994, p.58).

Quanto à importância de Padre Cícero no ramo religioso e no político e sua grande influência junto aos coronéis da região, prestando e recebendo favores, contribuíram para o crescimento agropecuário, pode-se ter uma ideia pela citação abaixo:

“Ninguém pode contestar a influência que teve o Padre Cícero no desenvolvimento da Agricultura e da Indústria não somente em Juazeiro, mas em todo o Cariri. Homem inteligente compreendeu que precisava ocupar aqueles que o procuravam vindo de suas terras, muitas vezes distantes, pôs em prática medidas eficientíssimas ao desenvolvimento do trabalho agrícola da região, medidas altamente patrióticas, que surtiram tão benéficos efeitos. (...) Nas secas de 1915 e 1919 foi nos mandiocaís de sua propriedade, que os flagelados daquela zona mataram a fome desmanchando mandioca, fazendo farinha e goma, para comer e vender”. (OLIVEIRA, 2001, p. 295-.296).

Quando se tem visão se enxerga o potencial. Foi o que o Padre Cícero fez ao olhar para o Vale do Cariri e os devotos que para lá fluíam, transformando maldição em benção, como afirma o texto:

“Produzindo cana, arroz, feijão, milho e mandioca, o Cariri tornou-se o ‘celeiro do Ceará’. Destacava-se também na produção de algodão e borracha. A seringueira foi introduzida no Cariri pelo próprio Padre Cícero, ao longo da primeira década do século”. (CORRÊA, 2001, p.23).

O Padre Cícero com a visão holística da paisagem ele transformou a região inóspita em lugar de produção agrícola.

2.3 O Rápido Crescimento do Povoado

Uma forte evidência se impõe ao estudar a história de Juazeiro, de que a afluência de romeiros aquele local produziu um célere impulso na economia. A vila-santuário, enquanto milhares de romeiros iam chegando e fixando moradia, em menos de vinte anos transformou-se, de modo fantástico, num florescente entreposto agrícola, comercial e artesanal. Isto afetou a região em volta, o vale do Cariri, que em pouco tempo granjeou o título de “celeiro do Ceará”. Como foi citado no texto acima.

Juazeiro do Norte dista 580 km de Fortaleza (CE), 399 km de Petrolina (PE), 505 km de Campina Grande (PB). Pode-se afirmar, portanto, que esta cidade fica distante de todos os grandes centros urbanos. Não há uma razão plausível para o seu crescimento, senão o trabalho realizado pelo Padre Cícero não apenas nesse município, como em todo o Vale do Cariri.

É inegável a influência de Padre Cícero sobre o desenvolvimento da agroindústria do Cariri. Ele foi o maior fator de progresso da vida econômica do sul cearense. Este progresso tem evidente ligação com as peregrinações em massa dirigidas a Juazeiro do Norte, mesmo depois de sua morte.

De fato, existiram aqueles que vieram a Juazeiro do Norte para “mudar de vida” e construíram fortuna à custa do Sacerdote. Desenvolvendo o comércio de artigos religiosos, da exploração da fé das pessoas, tirando proveito das aglomerações formadas nos períodos das festividades para pedir esmolas, abusando da índole dos fiéis os quais entendem que a generosidade pertence ao ato de adoração.

A luta pela emancipação política do Juazeiro, até então pertencente ao município de Crato, trouxe à tona certa rivalidade entre as duas populações.

Cícero já tinha 67 anos quando ingressou na política. Como líder nato, afirmava ter entrado para servir ao povo, já que estava impedido pela Igreja de exercer o sacerdócio.

Quando chegou a notícia que a autonomia da vila de Juazeiro não seria outorgada, a população local se reuniu na Praça da Liberdade e deliberou não mais pagar os impostos e lutar pela independência. Floro arregimentava o povo e Cícero abonava. Em 22 de julho de 1911,

pela Lei 1028, expedida pela Assembleia Estadual do Ceará, estava criada a vila autônoma de Juazeiro, com apenas duzentos e vinte e quatro quilômetros quadrados, com o seguinte limite geográfico, segundo LIRA NETO, (2009, p.327), ao norte: Riacho dos Carneiros (São Pedro); sul: Lagoa Seca (Barbalha); oeste: Rio Carás (Missão Velha); leste: Riacho São José (Crato).

Foto 07- Juazeiro do Norte/CE no momento de sua emancipação

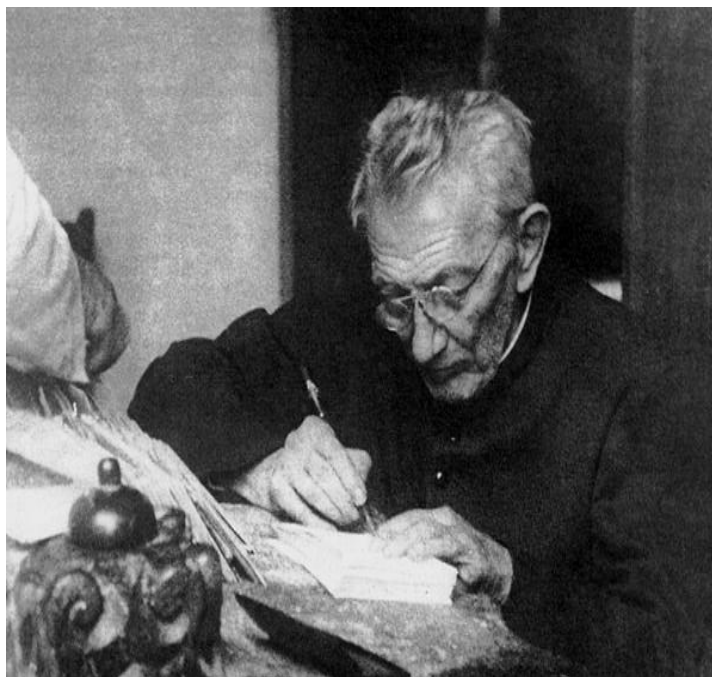


Fonte: Prefeitura Municipal de Juazeiro

Padre Cícero é nomeado primeiro prefeito do novo município, lugar que ele ajudou a construir fisicamente, moralmente e não é por acaso que o binômio Cícero-Juazeiro é adequado.

Neste contexto soube aproveitar o momento histórico e a situação social que imperava no Nordeste e em particular no Vale do Cariri. Com a proibição que lhe foi imposta pelas autoridades eclesiásticas, não podendo atuar como sacerdote, ocupou a maior parte de seu tempo na construção de seu projeto pessoal – transformar Juazeiro num lugar de peregrinação e progresso. Seu prestígio religioso e político, sua liderança em toda esta região ajudou a concretização desta tarefa. A foto 08 mostra o padre despachando na prefeitura na recém criada cidade de Juazeiro.

Foto 08. Padre Cícero como Prefeito de Juazeiro do Norte/CE



Fonte: Prefeitura Municipal de Juazeiro

Em seguida assumiu a terceira vice-presidência estadual, sendo deposto alguns meses após com a entrada do novo chefe executivo, Franco Rabelo. Nesse momento:

“As contradições entre o rabelismo e a complexa aliança urdida em Juazeiro pelo Padre Cícero, ligando coronéis, romeiros, cabras e jagunços tornava a situação política do Ceará explosiva no final de 1913. O coronel Franco Rabelo e muitos salvacionistas queriam liquidar o Padre Cícero, que era considerado por eles embusteiro e paranoico”. (LEITÃO, 1994, p.71).

SANTANA, (2009, p.93-94), também afiança.

“Na manhã de dezembro de 1913, Juazeiro viveu uma grande expectativa. Os comentários eram que o Governador do Estado, Coronel Franco Rabelo havia ordenado o embarque por trem, de dois mil soldados da polícia para atacar o Juazeiro. A intenção era também de prender o Dr, Floro, Deputado Estadual, e fuzilar o Padre Cícero e que sua cabeça fosse levada numa estaca, como troféu”.

O Patriarca tinha consciência que não venceria essa luta apenas rezando. No Sertão Nordestino, principalmente naquela época, essa disputa só seria vencida com armas e muita coragem, arregimentando um exército de “cabras machos”, expressão usada no Nordeste para homens valentes.

Um dos sobreviventes de Canudos, Antonio Vilanova, mostrou uma estratégia de guerra mirabolante que era cavar um fosso em redor da cidade para que os soldados do padre pudessem se proteger e ao mesmo tempo atacar. Foram convocados os habitantes da cidade de todas as idades e sexos, cada um trabalhava no que podia e no término de seis dias ininterruptos concluíram a trincheira que ficou conhecida como o Círculo da Mãe de Deus.

Sem condições financeiras para sustentar o combate, Floro parte para a ofensiva com seu “bando” formado de cabras, jagunços e cangaceiros, expressões usadas no Nordeste que merecem explicação:

“O cabra era o sertanejo que, em tempos de paz, como todos os outros agregados que viviam à sombra dos coronéis, cavava a terra seca, iniciava uma plantação e depois orava para o céu pedindo chuva. Quando convocado pelo protetor, não hesitava: pegava o bacamarte, ia para a luta e, se preciso, entregava a vida pelo coronel. O jagunço era uma espécie de profissional autônomo, um mercenário a serviço da morte e de quem o contratasse pela melhor oferta. Hoje poderia servir a um senhor, amanhã a outro. O cangaceiro, por fim, não aceitava a tutela de nenhum patrão, ainda que ocasional. Agia por conta própria, em proveito de si mesmo. Mas costumava celebrar consórcios estratégicos com os coronéis, baseados numa relação de barganha e compadrismo. Por outro lado, o cangaceiro recebia abrigo e livre trânsito nos domínios do senhor de terras que o açoitava. Por outro lado, preservava aquela propriedade de arruaças e dos ataques de terceiros, inclusive de outros salteadores”. (LIRA NETO, 2009, p.337).

Sob a benção do Todo Poderoso Padre Cícero eles marcharam em direção dos inimigos conquistando a cidade do Crato e outras da redondeza e se aproximaram de Fortaleza, capital do Estado. Esse exército de malfeitores ia crescendo à proporção que invadiam cadeias,

soltando os detentos e arregimentando-os para pelejarem a seu favor, saqueando as cidades para a provisão financeira, alimentícia e munição. Subordinados ao irreverente Dr. Floro caminhavam numa vida depravada e o patriarca permanecia na retaguarda, em Juazeiro rezando pelos amiguinhos, expressão afetuosa usada pelo Padre Cícero em relação ao seu rebanho fiel.

O Ceará sofre intervenção do Governo Federal e Padre Cícero é nomeado primeiro Vice-presidente do Ceará, continuando engajado na luta política de toda a região. Cícero e Floro caminham vitoriosos e Cícero novamente assume a prefeitura de Juazeiro para preservar o povo de maus governantes, segundo o Patriarca.

2.4 Juazeiro do Norte na Atualidade

Juazeiro do Norte não se resume apenas a seu passado, mas no seu presente continua viva, mostrando sua herança histórica carregada de religiosidade e fé para os que estão vivos e ativos o suficiente para perpetuar na geração suas crenças e o desenvolvimento que aconteceu em decorrência da fé no Sacerdote carismático, inteligente, empreendedor, político e religioso, um mito para muitos.

Juazeiro do Norte é uma cidade com muitos atrativos turísticos, belezas naturais, fósseis, o lado cultural do Cariri e, lógico, o turismo religioso que atrai romeiros e turistas do Brasil e do exterior, numa média de um milhão de visitantes por ano. A rede hoteleira conta com hotéis de até cinco estrelas, afora dezenas de ranchos para hospedagem dos romeiros, bares, lanchonetes e restaurantes.

O setor de transporte interliga Juazeiro do Norte com o Brasil e o mundo. O acesso pode ser feito através de transporte aéreo de duas empresas (GOL e Avianca Brasil), com voos diários no Aeroporto Regional do Cariri; de uma rodoviária moderna pelas estradas (CE-292, CE-060) com ônibus, caminhões pau de arara, vans, motos, carros e agora o ferroviário ganhou o metrô ligando Juazeiro ao Crato, passando por nove estações. No ramo da mídia existem estações de rádio AM e FM, canais de TV, imprensa escrita, telefonia que acompanha a modernidade.

As problemáticas socioambientais são diversas. A começar pelo saneamento básico, que atinge apenas a metade da cidade, várias favelas em áreas de risco e poluição dos rios. Juazeiro do Norte enfrenta dificuldades importantes de infraestrutura, resultantes do rápido crescimento urbano não acompanhado pela implementação de melhorias na mesma velocidade.

No centro a situação do trânsito é caótica devido às ruas estreitas e sem planejamento além de barracas do comércio informal, falta locais para estacionamento, ficando ainda mais complicado nos feriados religiosos.

As atividades culturais são bastante variadas com *shows* de músicos e humoristas da região, peças teatrais, literatura de cordel, grupos folclóricos, repentistas e visitas aos centros de artesanatos e aos museus, esse último, todos de cunho religioso.

Juazeiro do Norte foi a primeira cidade do interior cearense a possuir um *Shopping*; possui várias agências bancárias, concessionárias de todas as montadoras de veículos nacionais; o parque industrial é bastante variado: é o maior polo calçadista do Norte e Nordeste e terceiro do país; produz joias, semijoias e relógios de alta qualidade que são exportadas¹; na área de bebidas destaca-se um grupo com seus refrigerantes e sua água mineral; construção civil e metalurgia foram estimuladas pela especulação imobiliária além de plásticos, couro, alimentos, tecidos, confecções, móveis, laticínios e etc. Todavia, as pequenas empresas, particularmente as de economia informal ligadas ao setor religioso, são as que mais crescem.

¹ Utilizando mão de obra carcerária, os detentos trabalham 3 dias para diminuir 1 dia da pena.

CAPITULO III- PADRE CICERO E O DESENVOLVIMENTO DE JUAZEIRO DO NORTE/CE

3.1 - Padre Cícero um Breve Histórico

Tabuleiro Grande foi povoado em 1827, pelo Padre Pedro Ribeiro da Silva que residia num engenho de açúcar onde foi construída a capela Nossa Senhora das Dores, compondo a paisagem junto com a senzala e a casa de farinha, como enfoca o texto:

“Em 1875, o arraial ainda conservava os traços essenciais de uma fazenda de cana de açúcar; sua população era em torno de 2 mil habitantes. Cinco famílias, os Gonçalves, Macedos, Sobreiras, Landins e Bezerra de Menezes eram as que lá se encontravam como proprietários importantes. O restante da população consistia de trabalhadores ligados às fazendas de açúcar das famílias mencionadas. Muitos desses trabalhadores descendiam dos escravos do Padre Ribeiro, ou mestiços e brancos sem recursos que vieram trabalhar nos pequenos e desprestenciados² engenhos de açúcar das redondezas”. (CAVA,1977, p.36).

Cícero Romão Batista, natural da cidade do Crato, no estado do Ceará, nasceu em 24 de março de 1844, era filho de Joaquim Romão Batista e Joaquina Vicência Romana, conhecida como dona Quinô. Aos seis anos de idade, começou a estudar com professor Rufino de Alcântara Montezuma. Um fato significativo que marcou a sua infância foi o voto de castidade feito aos doze anos, influenciado pela leitura da vida de São Francisco Sales.

Em 1860 ele foi matriculado no colégio do Padre Inácio de Sousa Rolim em Cajazeiras, na Paraíba, tendo uma passagem curta, pois a inesperada morte de seu pai, vítima de cólera-morbo, em 1862, o obrigou a interromper os estudos e voltar para junto da mãe e de suas duas irmãs solteiras.

A morte do pai, que era pequeno comerciante no Crato, trouxe sérias dificuldades financeiras à família, de tal sorte que mais tarde, em 1865, quando Cícero precisou ingressar no

² Desprestenciados, hoje se escreve desprestenciosos.

Seminário da Prainha, em Fortaleza, só o fez graças à ajuda de seu padrinho de crisma, o coronel Antonio Luiz Alves Pequeno.

Quem exerceu bastante influência sobre o futuro ministerial de Cícero foi um ex-advogado que deixou a magistratura pelo sacerdócio, já em idade avançada, conhecido pelo nome de José Antonio Pereira Ibiapina que, ao ser consagrado sacerdote adotou o nome de padre José Antonio de Maria Ibiapina. Este tinha um ministério envolvido com a camada mais carente da sociedade e se embrenhava sertão adentro construindo templos, açudes, hospitais, estradas e abrigos, em regime de mutirão, servindo de padrão para Cícero que apreciava esse estilo de serviço sacerdotal e social.

A semelhança entre os ministérios é aparente e BARROS destaca que: *”a ação evangelizadora era ao mesmo tempo civilizadora e um trabalho incansável de soerguimento das camadas populares, pela valorização dos hábitos mais salutareis da cultura sertaneja”* (2008, p.115).

O fervor da fé enleva o fiel a redimensionar o cotidiano e a edificar uma vida melhor até no âmbito material. Esses ensinamentos transmitidos pelo Padre Ibiapina, criou em Cícero um campo fértil na formação religiosa e social do futuro padre. Foi com este referencial sócio-religioso e familiar que Cícero se decide pela vida religiosa e procura o seminário, sendo ainda ajudado nesta tarefa pelo seu padrinho e tutor cuja ajuda financeira foi de grande importância naquele momento.

Ao ingressar no seminário ele teve que se adaptar a vida numa cidade litorânea, bem diferente do sertão onde viveu. O seminário da época qualificava os padres através de conteúdos renovadores, com objetivo pastoral de compromisso apologético. A disparidade entre litoral e sertão era tão intensa que eram refletidas na religiosidade popular vivenciada por Cícero, em contrapartida com os rituais da Igreja Romana. Vale ressaltar que:

“Tal vácuo deu origem a uma religiosidade espontânea no meio do povo, um misticismo rico em manifestações, mas pouco afeito ao controle e aos rituais da Igreja oficial. O menino Cícero nascera e crescera exatamente naquele mundo, em que práticas medievais como a autoflagelação dos corpos se faziam acompanhar das previsões apocalípticas atribuídas a São Malaquias a respeito do fim dos tempos. Antigas crenças indígenas, uma vez mescladas à tradição lusitana do culto aos santos protetores, geravam uma devoção permeada de livres reinterpretações da fé católica, baseada em elementos mágicos e sobrenaturais. As penitências e o sentimento de expiação dialogavam sem cerimônias, com as celebrações coloridas e dançantes nas festas anuais dos padroeiros. No universo mental dos sertões, havia lugar tanto para a crença em caiporas e lobisomens quanto em anjos da guarda. Existia espaço para propaladas aparições tanto de almas penadas quanto de pavorosas mulas sem cabeça. Benzedadeiras desfaziam quebrantos com a ajuda de rosários, como também de patuás e folhas de pinhão-roxo. Davam-se notícias de curas extraordinárias, de palestras com mortos e de intervenções miraculosas do Além” (LIRA NETO, 2009, p.33-34).

A compreensão mística presente na cultura sertaneja refletida por meio de práticas paralitúrgicas e credences populares predominava e alimentava o contraste com o catolicismo ortodoxo nas diferentes classes sociais elucubradas nas ações emblemáticas para aquisição de melhoria nas condições de vida.

Cícero tinha ideias bastante diferentes do que era ensinado no seminário, acrescidas de carisma pessoal e uma vocação sacerdotal muito firme que pode ser vista como uma caminhada entre o desejo e o esforço, a vontade e a determinação, a decisão e a submissão ao conhecimento de Deus. E apesar de todos os burburinhos sociais que envolveram a relação entre a prática religiosa de Cícero e a Igreja Católica Romana, ele concluiu seu curso em trinta de novembro de 1870 e foi ordenado sacerdote.

Ao ser ordenado Padre Cícero volta para o sertão, para sua cidade natal, Crato. Ali canta a sua primeira missa no altar de Nossa Senhora da Penha e durante esse ano ensina no colégio fundado por José Marrocos.

É interessante relembrar que a cidade do Crato está localizada no Vale do Cariri, na extremidade sul do estado do Ceará. Este vale foi povoado no início do século XVIII por criadores de gado vindos da Bahia e de Pernambuco. Posteriormente, por agricultores que foram atraídos pelas terras férteis, conhecidas como brejos, no sopé da Chapada do Araripe, porém cercada de terras vitimadas pelas secas típicas do clima semiárido reinante na região, foi nesse habitat sertanejo que Cícero foi criado, tudo lhe era muito familiar.

Literalmente, tudo começou com o sonho. Tabuleiro Grande era um pequeno povoado e nada aparentava que após alguns anos estaria no rol das cidades importantes do Vale do Cariri. Aquela mensagem (sonho), que ficou gravada na memória de Padre Cícero teve o condão de segurá-lo naquele lugar. Aquela gente agora era o seu rebanho e, protegê-la era sua missão.

“Conforme dizíamos, dormia na casa da Escola no quarto contíguo à sala, como ainda hoje se vê. Sonhou que estava sentado à cabeceira da grande mesa da Escola, quando viu entrarem na sala os doze Apóstolos tendo à frente o Coração de Jesus. Os Apóstolos colocaram-se de pé, aos lados da mesa enquanto o Coração de Jesus colocou-se atrás³ da cadeira onde ele, Padre Cícero, estava sentado. Ouviu perfeitamente a voz do Coração de Jesus dizendo com voz forte e temível as seguintes palavras: “Eu estou muito magoado com as ofensas que os homens me teem feito e me fazem todos os dias. Vou fazer um esforço pela salvação de todos, mas, se não quizerem se corrigir, acabarei o mundo. E quanto a ti (disse, dirigindo-se ao Padre) toma conta destes. E ao mesmo tempo, disse o Padre, ‘vi que começaram a entrar na dita sala, diversos indivíduos particularmente sertanejos, mal vestidos e quase todos descalços’. Acordou sob impressão tão viva que mais lhe pareceu uma realidade” (OLIVEIRA, in MOURA, 2004, p.15).

Devido aos solos férteis o município do Crato tornou-se o principal produtor e fornecedor de excedentes alimentícios para o sertão árido. No final do século XVIII, a cidade

³ As palavras atrás, teem e quizerem estão no português antigo, e o, como no texto original.

do Crato desabrochou como sendo a mais populosa e o centro mais importante do Vale, recebendo o título de “*Pérola do Cariri*”.

Nas comemorações natalinas de 1871, Padre Cícero é convidado pelo professor Simeão Correia de Macedo para celebrar a missa do galo na Capelinha de Nossa Senhora das Dores, no povoado de Juazeiro. O convite foi para o mesmo ficar celebrando aos domingos e dias santos. Isso daria um revigoramento a fé daqueles fiéis que até então só eram lembrados em datas especiais como quaresma, novenas com ruído de fogos e algumas confissões dos enfermos.

Aos 11 de abril de 1872, o jovem padre de pequena estatura, cabelos escuros e pele clara passa a residir no povoado de Juazeiro, pertencente ao município do Crato, junto com sua família.

3.2 - A Chegada De Padre Cícero Ao Povoado

Ao chegar nesse povoado dominado por senhores de engenho, desamparado pelas instituições eclesiásticas há tanto tempo, encontrou a população envolta em orgias e prostituição além da pobreza reinante e o atraso socioeconômico comparando à prosperidade do Crato, chocaram a sensibilidade do Padre Cícero que, de imediato, teve que tomar uma posição.

Diante da situação observada, ofereceu conforto espiritual e assistência sacerdotal àquele povo sedento, porém sendo necessário, às vezes o uso do cajado que já fazia parte da sua indumentária juntamente com a batina e o chapéu pretos, imagem essa que até hoje é perpetuada através de fotos, objetos artesanais, literatura de cordel e imagens que são usadas para adoração.

Em meio a tantos conflitos que reuniam elementos integrantes de crenças indígenas e africanas, procurando manipular o sobrenatural para um proveito imediato, essa religiosidade é revestida de praticidade e identificada com formulações elaboradas em símbolos e ritos em que se mesclam o sagrado e o profano e entre o catolicismo popular e a ortodoxia da Igreja.

3.3 Padre Cícero e a Religiosidade no Nordeste Brasileiro

Assim começa verdadeiramente a história de Juazeiro ou como era conhecida “Tabuleiro Grande”, com seu protagonista oficial, Padre Cícero Romão Batista que ao rezar uma missa na minúscula capelinha do povoado, um fenômeno misterioso chamou a atenção dos sertanejos presentes e da Igreja. Ministrando a comunhão como era de costume, uma devota – a humilde costureira Maria de Araújo, a hóstia consagrada teria se transformado em sangue. O sangue pingando no corpo da beata, nos panos e no chão da igreja deu início a uma das histórias mais discutidas no cenário nordestino e que se torna conhecida pela Igreja, inicialmente no Crato, depois em Fortaleza e na sequência em Roma. Por isso havia necessidade de uma explicação convincente para o fato. Foi uma verdadeira guerra entre a igreja e os seguidores de Padre Cícero, cada um querendo explicar a sua verdade. As multidões procuravam se inteirar da situação na capela de Juazeiro e assim começou a história da povoação. Padre Cícero escreveu a dom Joaquim José Vieira, bispo do Ceará:

“Quando dei à beata Maria de Araújo a sagrada forma, logo que a depusitei em sua boca imediatamente transformou-se em porção de sangue, que uma parte ela engoliu, servindo-lhe de comunhão e outra correu pela toalha, caindo algum no chão; eu não esperava e vexado para continuar com as confissões interrompidas, que eram ainda muitas, não prestei atenção e por isto não apreendi o fato na ocasião em que se deu; porém, depois que depusitei a âmbula no sacrário, e vou descendo, ela vem entender-se comigo cheia de aflição e vexame de morte, trazendo a toalha dobrada, para que não vissem, e levantava a mão esquerda aonde nas costas havia caído um pouco e corria um fio pelo braço e ela com o temor de tocar com a outra mão naquele sangue, como certa de que era a mesma hóstia, conservava um certo equilíbrio para não gotejar no chão”. (MARQUES, in MOURA, 2004, p.8).

Toda essa história espalhou-se de maneira tal que chegou ao conhecimento da Diocese de Fortaleza (única no Estado). O fenômeno estava consumado, o milagre foi reconhecido pelo povo, mas a hierarquia da Igreja do Ceará não acatou os fatos como miraculosos. Houve embate entre os teólogos e o clero nordestino ficou dividido.

Enquanto o clero discutia o fato, uma série de fenômenos semelhantes acontecia do outro lado do oceano Atlântico e eram classificados como “milagres eucarísticos” pelo Vaticano. Nesse ínterim uma frase atribuída ao ex- reitor do Seminário da Prainha, o Padre Pierre Auguste Chevalier, revelaria a dificuldade do clero tradicional em aceitar as manifestações da fé popular: “Jesus Cristo não iria sair da Europa para fazer milagres no sertão do Brasil.”⁴ *Era o primeiro “milagre” ocorrido nas terras do Brasil e o mais extraordinário é que acontecia nos sertões do Nordeste e por intermédio de um padre brasileiro e nordestino* (SOBREIRA, 1994, p. 91).

A Igreja Romana resolveu tomar providência nomeando uma Comissão de Inquérito, em 21 de julho de 1891. Esta comissão era composta pelos padres Clicério da Costa e Francisco Ferreira Antero com a missão de apurar a presumida fraude que cercaria os fenômenos extraordinários de Juazeiro do Norte, entregando o seguinte relatório conforme descreve CAVA:

“A comissão iniciou o inquérito em 9 de setembro de 1891, após três dias de recolhimento e orações. Seus objetivos eram de duas ordens: testemunhar a transformação da hóstia e entrevistar as personagens dominantes da questão. Decorridas duas semanas, em 24 de setembro, saíram de Joazeiro acompanhando Maria de Araújo, que foi transferida para a Casa de Caridade do Crato. Assim fizeram por determinação do bispo para que pudessem conduzir a investigação sem a presença do Padre Cícero. Em resumo, os comissários assistiram, pessoalmente, à transformação da hóstia várias vezes; interrogaram 10 beatas, 8 padres e 5 civis eminentes; registraram, também os nomes de 22 pessoas que, segundo se apregoava, também tinham sido ‘milagrosamente curadas’ pela devoção ao ‘Precioso Sangue de Joazeiro’ (1977, p.56).

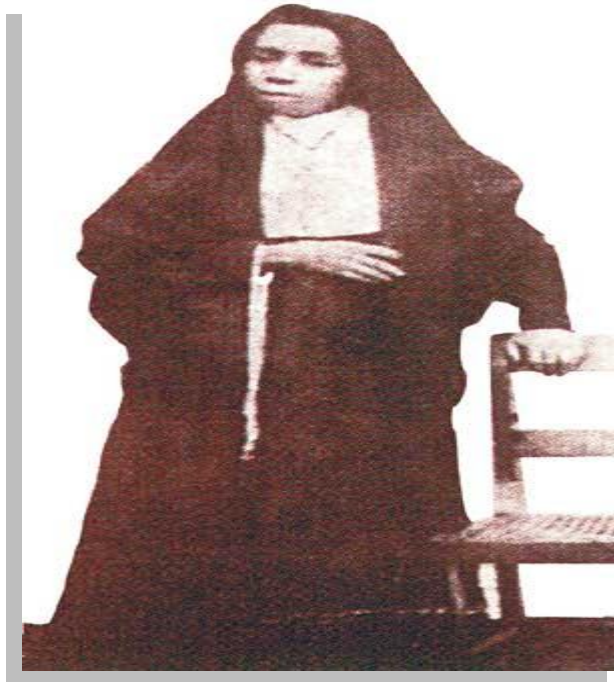
Em meio a todo esse reboleio crescia o movimento religioso bem como as romarias compostas por sacerdotes e leigos. A palavra romaria designa o fenômeno das peregrinações que foram introduzidas no Brasil pelos colonizadores portugueses, pois não consta que os indígenas nativos possuíssem essa prática e os negros africanos só a conheceram depois de islamizados.

⁴ Na lógica do sacerdote francês, já idoso, ex-reitor e professor do seminário das disciplinas de direito canônico, liturgia e moral era difícil aceitar um milagre no meio do catolicismo popular numa região tão distante dos grandes centros eclesiais.

Já havia um cenário favorável ao florescimento das práticas de romarias e adorações, pois as adversidades encontradas naquela região colaboravam para um processo desta natureza. Em Juazeiro e em outros lugarejos eram evidentes as práticas de grupos de beatos, rezando e mostrando profecias apocalípticas sobre o fim do mundo. Esse movimento ganhou força com a chegada de Padre Cícero ao pequeno povoado e mais ainda quando aconteceu o fenômeno do milagre em Juazeiro.

Na foto abaixo pode ser visto a beata Maria de Araújo que desencadeou o processo sobrenatural no caso do milagre.

Foto 09. Beata Maria de Araújo e o milagre



Fonte: Prefeitura Municipal de Juazeiro

Com a confirmação do fato, o bispo de Fortaleza passou a agir com mais rigor. Nomeou outra comissão composta pelos padres Alexandrino de Alencar e Manoel Candido em 29 de abril de 1892, que trouxeram um parecer favorável ao bispo, o qual diante do documento exigiu que Padre Cícero se retratasse publicamente. Como já se previa, Padre Cícero não se retratou perante o bispo tendo o deixado furioso. Pelo fato da negação do padre, Dom

Alexandrino preparou um documento punitivo com uma relação de sanções que seriam impostas ao Padre Cícero, como se pode ver no documento escrito e estampado a seguir:

3.3.1 Sanções impostas ao Padre Cícero

O padre Cícero estava proibido de:

- Benzer objetos de piedade; abençoar pessoas;
- Receber romeiros e visitas;
- Falar com pessoas de casa sobre milagres;
- Pregar, confessar e administrar sacramento;
- Confessar-se; receber presentes; celebrar;
- Construir uma igreja (do Sagrado Coração de Jesus) embora se tratasse do cumprimento de promessa por graça alcançada;
- Desdizer-se de púlpito;
- Denunciar mais de uma vez os fatos extraordinários;
- Combater a “ideia supersticiosa de santidade ditas pelos romeiros”;
- Pôr fim às romarias ou sair da diocese (portanto do Ceará);
- Declarar para o povo que quem cresse nos fatos condenados ficaria privado dos sacramentos até em artigo de morte;
- Declarar para o povo que não podia se comunicar com os romeiros e não queria comunicar-se com os seguidores ou com os romeiros visitantes;
- Restituir todo o dinheiro recebido do povo;
- Mandar recolher os livros e opúsculos escritos em defesa daquele evento.

O padre ainda foi acusado de:

- Fazer revolução armada;
- Colaborar com Antônio Conselheiro, de Canudos;
- Reter armas de revolução;
- Ter batizado, sem poder, um menino de sete anos;
- Abençoar o povo como os bispos, com três cruzes;

- Tornar elástico o princípio teológico que diz: “Não há reserva em artigo de morte”;
- Profanar o Santíssimo Sacramento

O objetivo das sanções era levar a comunidade fiel à descrença nos fatos ocorridos até então, contudo a intenção não teve sucesso ocasionando uma afluência ainda maior por isso, fortalecendo o prestígio do sacerdote e da beata protagonista do milagre.

O que verdadeiramente atraía os peregrinos a Juazeiro não eram os burburinhos entre os líderes religiosos da Igreja e seus conflitos doutrinários, mas o grande atrativo era a religiosidade popular, com suas manifestações sobrenaturais como o fenômeno da hóstia, em 1891. Para os devotos, Padre Cícero é a continuação de Jesus, afirma BARRETO apud SANTANA, 2009, p72 *“quando os romeiros afirmam que meu Padim é a pessoa da Santíssima Trindade”*.

Dom Joaquim, como representante da diocese, enumera as causas oficiais para a punição de Padre Cícero, segundo LIRA NETO (2009, p.167).

“Segundo o documento, Cícero incutira no espírito dos devotos uma série de ‘doutrinas temerárias’; não teria o ‘indispensável critério para dirigir as consciências dos fiéis’; havia ‘exposto ao ridículo a fé católica, propagara ‘pretensos milagres’; perturbara a ‘paz das famílias’, exaltara a ‘fantasia de moças fracas’ e, em especial, contribuíra para que se cometesse um ‘abominável sacrilégio’, ou seja, o furto ao sacrário da matriz do Crato”.

E o contingente de romeiros vindos de vários estados nordestinos, também de outras regiões do Brasil e até de países andinos, prosseguia maior do que nunca trazendo suas esmolas bastante avantajadas ou mesmo em pequenas quantidades podendo gastá-las como lhe aprouver.

Impedido de exercer suas funções sacerdotais pela Igreja, Padre Cícero se instalou na sua própria casa e os fiéis esperavam ele abrir a janela para abençoá-los.

Como não podia mais celebrar batismos, Cícero começou a apadrinhar crianças da própria cidade e também as dos romeiros, tornando-se padrinho das criancinhas espalhadas,

principalmente, pelo Nordeste, tornando-se conhecido como “padrinho Padre Cícero” ou como “Padim Ciço”, uma abreviatura carinhosa do povo nordestino.

Acusado de mistificação, heresia e exploração da ingenuidade popular, Cícero foi punido com a suspensão da ordem (1894) e durante toda a vida tentou revogar em vão a pena. Inconformado foi até Roma, em 1898, conseguindo uma reconciliação parcial com a Igreja, sendo absorvido pelo papa Leão XIII, mas continuou proibido de celebrar missas. Embora ainda banido pela Igreja, tornou-se de fato, um “santo” e profeta infalível, alguns o tinham até como pessoa da Santíssima Trindade.

No final do século XX, o papa Bento XVI, quando ainda era Joseph Ratzinger, cardeal e prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, em Roma, antigamente conhecida como Santo Ofício propôs um estudo sobre o Padre Cícero. A finalidade deste, possivelmente era reabilitá-lo perante a Igreja Católica o que significaria anistiá-lo das sanções que lhe foram impostas pelo Santo Ofício e, eventualmente, beatificá-lo. Seria o reconhecimento do papa pelas virtudes após sua morte concedendo o aval para o culto a seu nome. E, completando a trilogia tão almejada pelos fiéis seria a inscrição no rol dos santos, a canonização.

3.4 - Padre Cícero e a Política

É impraticável compreender a geração de acontecimento Juazeiro-Cícero sem uma abordagem da conjuntura sociopolítica brasileira na mesma época.

Afastado pelo clero, Cícero passou a ocupar a posição de mártir no fantasmagórico coletivo, ao mesmo tempo em que começou a gozar de uma enorme simpatia e de um imenso poder junto ao trabalhador sertanejo; restava uma escapatória que ele aproveitou que era o engajamento na vida política. A região onde está localizado o município de Juazeiro do Norte, juntamente com outras cidades, forma hoje uma metrópole regional e Juazeiro sempre foi o centro dessa região. Sua exuberância nas atividades comerciais, o laboral de seu povo, a própria geomorfologia do município o colocava em vantagem perante os outros municípios. Por tudo isso, seu crescimento era questão de tempo e isso aconteceu e em poucos anos Juazeiro ultrapassou todos os municípios vizinhos. Veja no mapa abaixo a localização geográfica de Juazeiro.

Mapa 03 - Região do Cariri espaço de Domínio de Padre Cícero



Fonte: Prefeitura Municipal de Juazeiro

A política do Vale do Cariri sempre foi movimentada. A destituição de chefes políticos de seus cargos fazia parte do cotidiano. A pretensão política florescia à medida que via a região crescer economicamente. No início do século XX, o Cariri se viu enredado em graves lutas políticas.

Num período de profundas incoerências existentes no país onde a economia agrária tinha por alicerce de sustentação o trabalho escravo, ocorre a Independência em 1822 e as cidades do sertão nordestino que serviam apenas como entrepostos comerciais para troca de produtos agrícolas sofriam de pobreza crônica e suas populações viviam num estado de miséria execrável.

O fim da escravidão criou um incomensurável abalo econômico em virtude da falta de providência governamental que preenchesse a ausência da mão de obra.

“A nossa formação histórica fez-se de maneira dispersa e desconexa. A falta de centralização resultou em liberdades locais e no fortalecimento de instituições peculiares: o poder torna-se privilégio de uma camada social que possui os bens de produção – a terra – e a liderança política. O fenômeno do coronelismo tem suas leis próprias e funciona na base da coerção da força e da lei oral, bem como de favores e de obrigações. Esta interdependência é fundamental: o coronel é aquele

que protege, socorre, homizia e sustenta materialmente os seus agregados; por sua vez, exige deles a vida, a obediência e a fidelidade. É por isto que coronelismo significa força política e força militar”. (CARONE, 1973, p.45).

Padre Cícero tornou-se conhecido como o “coronel de batina”, atribuído a sua liderança e por ser próspero latifundiário e empregador de vários peregrinos que chegavam à Juazeiro atrás das bênçãos do sacerdote, os devotos ficavam empolgados e não queriam mais voltar as suas cidades de origem logo, necessitavam de trabalho para o sustento. Como Cícero tinha um ministério semelhante ao padre Ibiapina ele “aconselhava, ensinava a plantar e a usar remédios caseiros e até sugestões de higiene. Daqui vem a história de seus muitos milagres”(CAVA,apud SANTANA, 2009, p.86).

Chamado de moralista, que fazia uso do cajado contra a lascividade, embriaguez, qualquer forma de festejos pagãos e utilização de armas, vindas de elementos socialmente marginalizados, a estes, porém contratados pelos coronéis, Cícero costumava dizer: “Quem bebeu não beba mais, quem roubou não roube mais, quem matou não mate mais.”

O poder oligárquico tinha como representante no Ceará Nogueira Acioly que se ligava nacionalmente ao Partido Republicano de Pinheiro Machado. Segundo LEITÃO (1994. p.69) *“as ligações do Padre Cícero com a oligarquia Acioly e suas ramificações carirenses eram notórias e o trabalho de apaziguamento entre os interesses de seus apadrinhados e o dos coronéis era permanente.”*

No início do século XX, o Cariri se viu enredado em graves lutas políticas. Em maio de 1908 chega a Juazeiro Floro Bartolomeu da Costa, um baiano parteiro, médico, jornalista, com uma nova intenção: a de explorar uma mina em Coxá, nas imediações da cidade, se torna o amigo e articulador político de padre Cícero.

“Assim sendo, foi o Dr. Floro descrito como aventureiro pretensioso e ambicioso que teria atingido a glória e a notoriedade política nacional atrás da sombra da sotaina mais antiga do Cariri. A influência de Dr. Floro sobre o Patriarca é um fato indiscutível...O ascenso de Floro à posição de chefe político...Só foi possível por causa de inúmeras

circunstâncias[...].” (CAVA, apud SANTANA, 2009, p.90).

Cícero com idade bastante avançada e com alguns problemas de saúde confiava plenamente no seu amigo doutor que fazia todo tipo de falcatrua utilizando-se do nome e do poder do padre em seu próprio favor.

Padre Cícero passou a sua velhice na obsessão de recuperar o uso pleno do sacerdócio e a criação da diocese na cidade de Juazeiro. Todavia, essa diocese não poderia ir para Juazeiro devido ao episódio de um padre e seu povo em situações tão inconciliáveis com a hierarquia da Igreja.

Apesar de continuar abençoando os fiéis de forma extraoficial, muitas vezes da janela de sua casa, não obedecendo aos decretos do Santo Ofício, o momento do veredito chegou no dia 12 de julho de 1916:

“Faça-se claramente saber que a Santa Sé, confirmando tudo o que foi até agora estabelecido, reprová decididamente e condena a conduta de Cícero, declarando-o incorrido na excomunhão, e exorta calorosamente todos os fiéis a não se deixarem enganar por suas falácias e tergiversações”. (LIRA NETO, 2009, p.419).

Floro impede o decreto de chegar até o padre, na intenção de evitar maiores sofrimentos no fim da vida. Entretanto, aproveitando-se da caducidade de seu amigo-prefeito, tira grandes proveitos financeiros com o crescimento da cidade. Ele se beneficia com a chegada da estrada de ferro, o calçamento nas ruas e até promoções de festas pagãs, atos combatidos pelo padre enquanto tinha força física e usava o cajado. Nesse ínterim, Floro adquiriu uma enfermidade que lhe consumiu gradativamente: sífilis.

Cícero era um latifundiário, pode-se dizer um visionário, que no decorrer de sua existência adquiriu muitos bens e agora, com sua saúde debilitada, quase cego, além de problemas abdominais e cardíacos, registrou no cartório o seu testamento deixando para a Igreja, aquela que o havia excomungado e lhe dado tantas aflições. Após mudar o destino

específico do testamento algumas vezes, todos eles dentro da própria Igreja, finalmente deixa selado para o bispado do Crato.

Em 1926 a Coluna Prestes entra no Ceará e Floro, já bem doente, convoca seu exército para guerrear apoiado por Cícero seu prefeito e mentor espiritual. De uma forma um pouco abafada e com registros contraditórios, comenta-se que Lampião foi convocado para fazer parte deste combate. O que se fala é que Floro usou o carisma do padre e a devoção e o respeito do cangaceiro pelo Patriarca, para escrever uma carta convocando-o para lutar a seu favor em troca da patente de Capitão, absolvição de seus crimes e mais armas e dinheiro.

Lampião ao chegar à cidade causou um reboliço. Padre Cícero arranhou um jeito de se livrar da situação embaraçosa, pedindo a um funcionário público federal para lavrar um documento, no qual atribuía a Virgulino Ferreira da Silva, a patente de capitão. Assim o cangaceiro passaria a ter o título honorário do Batalhão Patriótico do Juazeiro. Como o documento dado pelo padre não foi verdadeiro o cangaceiro voltou ao crime.

Nesse ano morre Floro e Cícero é eleito deputado federal, porém nunca assumiu para não sair de Juazeiro.

Em vinte de janeiro de 1934, aos noventa anos, morre o maior líder do Sertão Nordestino: Cícero Romão Batista.

3.5 Padre Cícero e as Romarias

A melhor forma de introduzir o assunto é definindo-o segundo MENEZES apud BARROS, (2004, p.352):

“Romarias ou o termo de origem provençal romagens, é a palavra que se usa mais comumente no português para designar o fenômeno das peregrinações... o termo designa, pois, a viagem ou peregrinação religiosa a um santuário ou lugar considerado sagrado, de modo especial àquela que se faz por devoção, e, numa derivação de sentido, designa ainda a festa popular que é celebrada nas proximidades de um santuário ou local de peregrinação em dia de comemoração religiosa do

lugar; em geral com danças populares, feiras comidas, comércio, arraial etc”.

A romaria de Padre Cícero simboliza as demonstrações da Igreja Católica sustentada pela religiosidade popular vivenciada gradativamente.

“O romeiro aquele que cumpre a devoção fazendo uma viagem e, de romaria em romaria, os devotos desenham um círculo imaginário em torno de determinado santuário, lugar onde, para os peregrinos, alguma hierofania se realizou e continua viva”. (CESAR apud MENEZES, 1994, p.9.).

O romeiro de Juazeiro é conhecido pela sua indumentária, com chapéu de palha na cabeça, para se proteger do Sol do Sertão Nordestino e o rosário no pescoço. Alguns deles com vestimentas típicas para pagamento de promessa, aparência de sofrimento, contudo, cantando as ladainhas.

Foto 10- Romeiros chegando para as romarias



Fonte: www.hotsite.verdesmares

Os peregrinos geralmente viajam de caminhões pau de arara, ônibus, bicicleta, a pé pelo sertão hostil, levando sua alimentação na bagagem, devido a difícil situação financeira, mas pronto a dividi-la com os romeiros ainda mais carentes. Muitas vezes recebem doação do transporte por parte de políticos, principalmente no período pré-eleitoral. Estes romeiros ornamentam seus transportes com legendas religiosas, faixas com dizeres religiosos, enfeites e chapéus de palha. Hospedam-se em ranchos precários, dormem em redes ou esteiras e todo

esse sofrimento faz parte da via sacra de cada ano quando visita “a Terra de Padre Cícero”, normalmente fazem isso por longos anos, enquanto a saúde do corpo permitir.

Os romeiros são fiéis a Padre Cícero mesmo em contraposição a hierarquia católica, o posicionamento ao lado do Padrinho mesmo em lutas e guerras, continuam firmes. Como desprezar a fidelidade, ano após ano, de milhares de devotos espalhados pelo país, que chegam de todos os lugares, tornando-se os donos da terra e a cidade um lugar sagrado, o grande Santuário do Nordeste.

Foto 11. Transporte dos romeiros para Juazeiro do Norte/CE



Fonte: www.hotsite.verdesmares

A influência dos colonizadores portugueses no século XVI através dos jesuítas, entrelaçados com os rituais africanos trazidos pelos escravos e dos indígenas encontrados no país, deixaram marcas variadas de devoções populares. Muitas vezes:

“...a romaria foi identificada como costume religioso exótico, passa a ser compreendida como expressão de resistência, de protesto, uma forma de reinventar suas crenças religiosas. Essa gente não detém um conhecimento sistematizado e, sim, um conjunto de mitos e práticas do sagrado que se constitui em saber oral, recriados na memória coletiva popular”. (ROSENDAHL, 2002, p.73).

O sagrado e o profano emaranhados, o institucional e o popular dando vazão através da miscigenação do povo brasileiro.

Segundo afirma DUPRONT apud MENEZES (1994, p.10), as romarias são compostas de: motivações, caminho, lugar sagrado, ritos e práticas, conforme descrição que segue.

As motivações podem ser coletivas ou individuais. As coletivas “são celebrações de uma festa num lugar santo, de uma *“viagem cultural”* em honra de uma potência sobrenatural, de uma visita a uma presença sagrada, de uma vinda às fontes da religião vivida”; individuais “elas procedem de um voto, às vezes de uma ordem onírica, e mais frequentemente de recursos físicos e espirituais.

Para os romeiros, participar de uma dessas viagens ao Juazeiro é muito mais que uma visita ao lugar sagrado. Para umas ou outras, como pano de fundo, continua MENEZES, a exigência de deixar a quotidianidade dos dias comuns a fim de viver uma experiência ao mesmo tempo do extraordinário e do “Outro”. Também a partida da romaria é um ato de fé, de espera e de busca.

Foto 12 – Grande romaria na Matriz de Juazeiro do Norte/CE

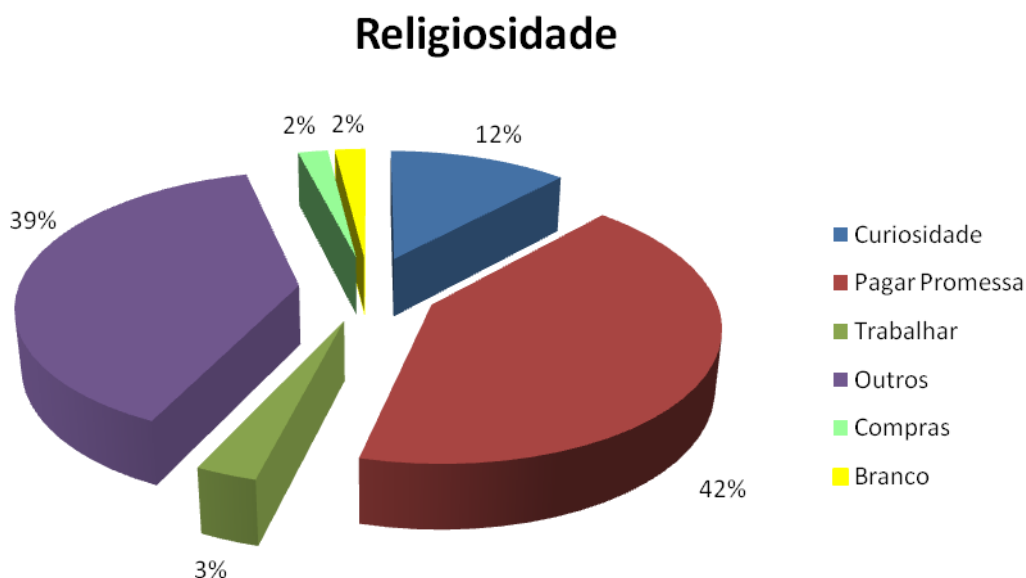


Fonte: www.hotsite.verdesmares

Vê-se claramente na foto 12 a grandiosidade das romarias realizadas em Juazeiro do Norte, onde milhares de pessoas se comprimem e pacificamente comungam do mesmo objetivo.

O gráfico abaixo mostra a religiosidade do nordestino, principalmente em torno da Cidade de Juazeiro, tendo como expressão maior a figura de Padre Cícero.

GRÁFICO 01



Fonte: Pesquisa de campo da autora/2011

A pesquisa de campo realizada pela autora comprovou inúmeras indagações aos romeiros antes de seu deslocamento para Juazeiro. Uma delas era sobre o que os levaria a visitar Juazeiro e a conclusão foi que 39% estavam ali por devoção e 42% para pagar promessa a Padre Cícero.

É interessante ressaltar que os entrevistados não mencionavam os milagres patrocinados pelo padre milagreiro ocorridos em suas vidas. Na mesma pesquisa se concluiu que 12% dos entrevistados estavam ali apenas por curiosidade. É perceptível nas caravanas organizadas em excursão para a cidade de Juazeiro em dia de festa, que muitos romeiros fazem a viagem movidos pela curiosidade de conhecer o lugar sagrado ou por fidelidade religiosa.

A pesquisa ressaltou também um percentual de 2% dos entrevistados que fazem a romaria no intuito de realizar compras haja vista a diversidade do comércio atual de Juazeiro. Isso vai desde as compras corriqueiras de objetos multiusos até aqueles rotulados com inscrições religiosas lembrando Padre Cícero.

Alguns (cerca de 3%) que vão até Juazeiro realizam a romaria e nela desenvolvem um comércio ambulante (tipo camelô), com produtos caseiros: bolos, doces, cocadas, temperos e muitos acabam firmando residência na Terra de Padre Cícero.

O segundo elemento do ato peregrino citado por MENEZES é o caminho da romaria percorrido por lugares de devoção. As “visitas de santuários espalhados ao longo de um itinerário tradicional, como uma espécie de “via sacra”, que põe à prova a coragem do peregrino até atingir o trecho final, de onde perceberá num distante próximo, invadido de alegria, a cidade santa ou o santuário rumo ao qual tanto caminhou”.

É interessante observar os devotos, com vestimentas de monges, percorrendo a via sacra, sem poder falar com ninguém enquanto não terminasse o percurso.

Muitos deles são crianças e adolescentes que vestem essas roupas e é perceptível a vergonha que eles estão sentindo diante da multidão. Mais uma vez, a maioria obedece pela fé dos pais.

Além dos santuários como a Matriz Nossa Senhora das Dores, que foi transformada em basílica, tem outras igrejas como: a Igreja dos Franciscanos que o peregrino tem que percorrer o ‘caminho das almas’ feito pelos pedestres e veículos, principalmente ônibus e caminhões pau de arara, para pedir proteção na estrada e na sua vida financeira.

Se faz necessário frisar que esse caminho depois das 17 horas é fechado ao público para que as almas possam passear livremente durante toda a noite.

O lugar sagrado é Juazeiro do Norte e os dois aspectos mencionados podem ser discriminados. A presença que para alguns é apenas uma lenda, para muitos é realidade.

A romaria se realiza num lugar sagrado, através de dois aspectos, confirma MENEZES:

“Um deles é a presença caucionada pela lenda ou pela história (pouco importa), de uma realidade sagrada: a lugares primordiais, originais de uma cosmogonia; e de etapas de uma história sagrada inscritas sobre uma terra, guardiã de uma memória sacral; a de manifestações sobrenaturais; a de objetos sagrados, túmulos (de confessores da fé ou de santos), ídolos, imagens, ícones, etc. O segundo elemento dessa experiência coletiva e individual é o encontro com a realidade. Nesse encontro cumpre-se a sacralização da romaria e, portanto, a do romeiro. Sacralização que pode ser encarnação de transcendência, elevação ou purificação, confirmação na certeza de cosmogonia e de uma fé”. (1994, p.11).

Esta cidade religiosa, como é conhecida, respira o seu mentor com vários lugares sagrados, como a colina do Horto, por ser o lugar onde o mesmo habitava; além da manifestação da hóstia, motivo pelo qual todos os outros fatos aconteceram e sacralizaram o espaço, também os panos ensanguentados, as imagens de Padre Cícero espalhadas por toda a cidade de vários tamanhos, até como *souvenir* e o túmulo do Patriarca e de Maria Araújo que são visitados pelos devotos.

O quarto e último item do ato peregrino são ritos e práticas. Para MARTINS e LEITE:

“Os rituais sagrados que correspondem à esfera do incomum, do extraordinário e os rituais profanos, da esfera da rotina, do mundano, do natural e do mundo prático, ambos são encontrados na religião; na verdade, manifestam crenças, que simbolizam plenamente a sociedade dos quais são um reflexo e apenas nela se encontra o sentido destes” (p.22).

Os mais difundidos, portanto, os mais expressivos e eficazes parecem ser os ritos processuais e particularmente os de circum-ambulação, tomadas de posse de objeto sagrado; os ritos de contato, de tocar (quanto aos objetos sagrados), ou de consumir (quanto às fontes sagradas) formas habituais de captação da potência social.

Diferentemente de MARTINS e LEITE, mas sem fugir a lógica e seu pensamento, ressalta AQUINO (2009, p.361):

“A imagem estabelece o contato entre o santo e o devoto. Nessa relação o sagrado é uma realidade que se pode ver, tocar e que se deixa tocar. A santidade (de lugares, gestos, pessoas, objetos e tempos) é mediadora do natural e do sobrenatural, do material e do espiritual, da morte e da vida”.

O toque nas imagens do padre espalhadas pela cidade, principalmente a estátua do Horto que tem uma altura de 27 metros e pode ser vista de qualquer ponto da cidade, além das fitinhas presas nelas e os nomes escritos com pedidos de socorro ao Patriarca.

Foto 13-Monumento sagrado com utilização profana



Fonte: www.hotsite.verdesmares

O entrelaçamento entre o religioso e a cultura popular acarreta manifestações populares apresentadas em forma de danças, músicas, peças teatrais, indumentárias, facilitando as atividades comerciais, ajudando no sustento dos fiéis e propagando a “cidade santa” com vendas de medalhas, terços, fitas, literatura de cordel, tudo isso vendido em feiras espalhadas pela cidade. Todavia, a exteriorização das manifestações de fé em Juazeiro é a entrega dos ex-votos, além da participação nos ritos e preces, as doações e as “casas de milagres”.

CAPITULO IV - FESTAS E ROMARIAS: A BASE DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO EM JUAZEIRO DO NORTE/CE

4.1 Festas e Romarias

As festas são acontecimentos sociais e coletivos que envolvem toda a sociedade não apenas como entretenimento, mas também como celebração, que já faz parte do imaginário popular do Nordeste brasileiro. Elas são ligadas à religiosidade e não morrem nunca. Essa dita imortalidade caracteriza a necessidade social, a qual está representada em cada rito, refletindo instantes de renovação de esperança, impondo um ritmo à vida cotidiana e obedecendo a um calendário comandado pelos santos. O mesmo está relacionado à produção agrícola e as estações do ano, enfocando o período das chuvas tão importante para o sertanejo, como comenta MAX SORRE (1984, p.101):

“...as estratégias estabelecidas a partir dos rituais, procissões e preces pelos quais os camponeses católicos chamam a chuva tem correspondência com o universo religioso, espiritual e social dos elementos do modo de vida de um grupo de pessoas no espaço geográfico. As crenças e devoções prefiguram-se em elementos e estratégias para assegurar o nível social, cultural e econômico da produção tradicional familiar e do modo de vida das populações rurais”.

Essas comemorações ocupam um lugar fundamental no nível espiritual e lúdico pelo papel que desempenham e pela imensa variedade de feitiços que as identificam, sendo uma das mais importantes expressões culturais no Brasil.

Não existe no país nenhuma região que não tenha acionado em sua paisagem espaços de peregrinações com alcance nacional de diferentes proporções.

Assim MAIA apud MOREIRA (2006, p.6) diz que as:

“...manifestações culturais se caracterizam, dentre outros aspectos, por serem eventos efêmeros e transitórios, perdurando por algumas horas, dias ou semanas. Grande parte das festas, no seu momento de ocorrência, simplesmente fornece uma nova função às formas prévias que dispõem para a sua realização (ponto central e entorno): ruas, praças, terrenos baldios, estádios de futebol transformam-se em palco para evento”.

Lugares comuns recebem uma nova roupagem no imaginário religioso, por um tempo, para manifestação da crença, fazendo com que através do mistério a potência divina aproxime-se da fragilidade humana. Espaços ocupados por atividades cotidianas transformam-se em palco para evento e/ou santuário para celebração, onde a alegria das festividades populares coaduna com gratidão pelas graças alcançadas. Como afirma ELIADE (1992, p.164):

“... acredita sempre que existe uma realidade absoluta, o sagrado, que transcende este mundo, que aqui se manifesta, santificando-o e tornando-o real. Crê, além disso, que a vida tem uma origem sagrada e que a existência humana atualiza todas as suas potencialidades na medida em que é religiosa, ou seja, participa da realidade”.

Pode-se afirmar que as romarias são movimentos migratórios temporários, movidos por motivos religiosos a espaços sagrados com o fim de prestação de culto, onde se realizam festividades sagradas e profanas. Elas são consideradas o coração do romeiro.

A romaria é coligada como lugar de sobrevivência e acolhimento, exercida de maneira solidária e comunitária. Com isso desvendando a identidade de cada comunidade, traduzida na ornamentação do espaço, nos cânticos, vestuários e danças, além dos rituais sagrados e profanos, possuindo em cada espaço, descrição que as abalizam.

A foto 14 demonstra o nível de religiosidade e sentimento dos romeiros nutrindo o compromisso e a dedicação através de sua fé.

Foto 14- Celebração após a procissão das Candeias-02/02 -Pátio da Igreja de São Francisco-Juazeiro do Norte/CE



Fonte: www.hotsite.verdesmares

Enfim, são celebrações religiosas de invocação transcendente ou em honra de um santo milagroso e/ou padroeiro de um lugar. MARTINS e LEITE afirmam:

“Alterando a conformação instituída e atribuindo novas formas de organizar lugares e papéis, rompendo assim com o conformismo habitual internalizado, as romarias possibilitam um aglomerado de pessoa. Oriundas dos centros rurais e urbanos, identificados por ideais semelhantes ou motivações particulares que estão disponíveis para compartilharem entre si suas ideias, necessidades, vontades, apelos, busca enfim”. (p.13)

BARRETO Apud SANTANA (2009, p.100), continuando no mesmo enfoque:

“...a romaria é uma viagem, deslocamento ao encontro de um lugar distante, não necessariamente estranho, acontece numa religião onde o divino ou Deus se revela em sinais e determina um lugar fora do lugar comum, onde se revela algo de divino”.

Tanto uma como a outra citação realçam o deslocamento e o aglomerado de pessoas em direção ao Sagrado, buscando o suprimento de suas necessidades físicas, emocionais e

espirituais, com a certeza de que encontrarão resposta para o que almejam, sem vergonha de expor seus sentimentos num lugar considerado incomum.

Como uma marca da cultura religiosa portuguesa exportada do século XVI através dos jesuítas para a colônia brasileira, a romaria vem sendo recriada nas diversas áreas do Brasil com elementos miscigenados traduzidos numa religiosidade popular rica em crenças e superstições populares, refletindo a pluralidade brasileira. Enfim:

“As formas populares encontradas na religiosidade, pelos cantos, orações e vestuários, apesar de estarem envolvidas inicialmente numa aparência passiva, na realidade mostram uma face inventiva, criadora, expansionista e barulhenta. As festas brasileiras em devoção aos santos milagrosos continuam atraindo multidões que chegam em romarias, nas quais é possível identificar uma vivência do religioso atravessado pelo cultural, possibilitando muitas vezes a recuperação da própria identidade”.
(MARTINS e LEITE, p.14).

O sagrado e o profano emaranhados, o institucional e o popular dando vazão através da miscigenação do povo brasileiro. Normalmente, as manifestações públicas de piedade, as procissões, as festas e devoções são promovidas e organizadas pelos leigos, em sua maioria iletrada. Assim, se tornou comum no lugar a presença de rezadores e rezadeiras que assumiam a liderança dos ritos puxando as ladainhas fazendo parte de uma tradição familiar indo de pai ou mãe para os filhos no objetivo de perdurar a prática religiosa, imortalizando o cerimonial que mantêm viva a romaria.

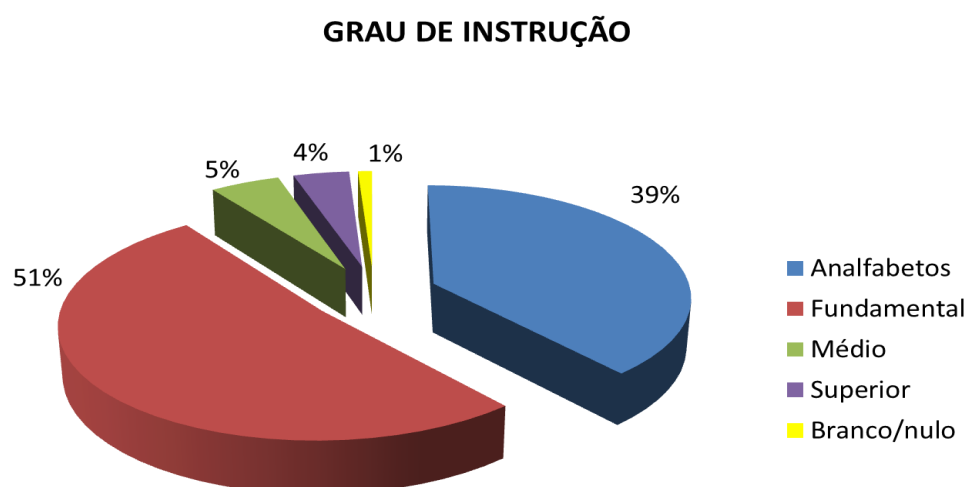
O gráfico apresenta o grau de instrução dos romeiros e nele se constata que um percentual relativamente alto (39%) é composto por analfabetos. Mostra ainda que as pessoas (romeiros) que detém instrução de nível fundamental ou semianalfabetas formam o maior percentual do gráfico, como pode se constatar (51%). Esses dois valores somados atingem a 90% de romeiros com baixa instrução.

Segundo a análise do gráfico, encontra-se um pequeno percentual de romeiros com nível superior (4%), considerados assim como romeiros intelectuais. Vale salientar que estes,

mesmo sendo detentores de grau superior, pertencem a famílias tradicionais e que culturalmente têm a religiosidade arraigada em sua formação.

Outra característica marcante no gráfico foi o pequeno percentual de romeiros com escolaridade de nível médio (cerca de 5%), percentual este já esperado em se tratando de agricultores na sua maioria. Veja o gráfico abaixo:

GRÁFICO 02

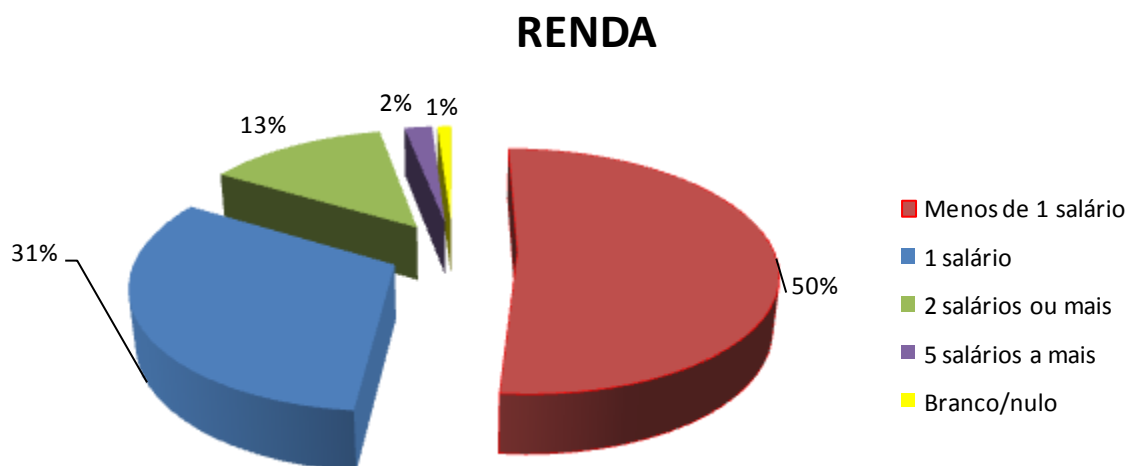


Fonte: Pesquisa de campo da autora/2011

Como geralmente esses romeiros são trabalhadores da agricultura e da pecuária, os mesmos buscam o sustento de suas famílias com menos de um salário mínimo, mesmo com dificuldades conseguem viajar todos os anos para o Juazeiro do Padre Cícero.

Sobre este tema, o leitor pode observar o gráfico da página seguinte.

GRÁFICO 03



Fonte: Pesquisa de campo da autora/2011

O gráfico acima mostra a situação econômica dos romeiros. Vê-se, portanto, que 50% dos entrevistados possuem renda menor que um salário mínimo e este percentual quando somado com aqueles que percebem entre 1 e 2 salários, chegam a 81%. Isso revela o baixo poder aquisitivo da grande maioria dos romeiros e reforça a situação de dificuldade financeira enfrentada pelos mesmos no intuito de realizar o seu compromisso religioso.

Outro dado revelado pelo gráfico foi que um pequeno percentual (2%) dos entrevistados percebem mais de 5 salários mínimos. Isso intensifica ainda mais a compreensão de que os romeiros são pessoas sacrificadas economicamente.

Numa situação intermediária verificou-se que 16% dos entrevistados percebem um pouco mais que 2 salários mínimos.

Grande parte dos romeiros é adulto e idoso, porém, alguns jovens também participam das atividades, geralmente como acompanhantes. O objetivo dessa romaria é pagar uma promessa que seus pais fizeram para eles ou para aproveitar o momento festivo em um lugar

santo, com grande concentração populacional, para se divertir nos *shows* ou comercializar produtos consumidos pelos devotos. Afirma BARROS (2008, p.355):

“ Protetor dos desvalidos e miseráveis do Nordeste, Padre Cícero, como seu representante, faz de Juazeiro um lócus por onde desfila a pobreza em suas diferentes faces, garantindo a persistência de um ethos da cultura sertaneja, que é a crença no bem”.

Embora esteja sendo proibido pelas autoridades o uso do pau de arara nas estradas, ele ainda é o símbolo da peregrinação em Juazeiro. Sentados em bancos de madeira sem encosto, mas com liberdade de ver toda a paisagem que gradativamente vai se modificando, podem ser vistos por onde passar o transporte, servindo de testemunho e incentivos para outros; não esquecendo o fato de que quanto maior o sofrimento (nesse caso, o desconforto) maior a recompensa.

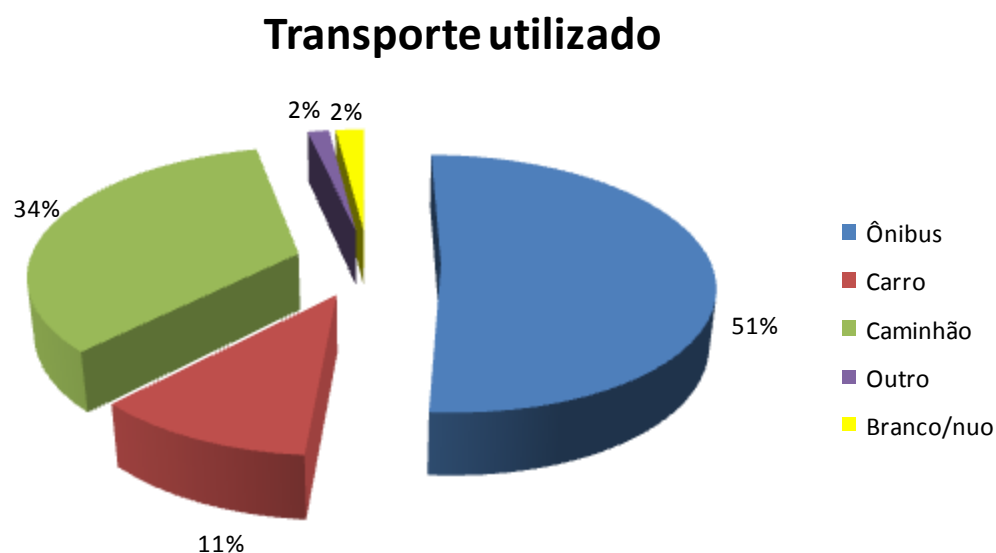
Pau de arara era assim chamado pelo fato das pessoas andarem sentadas como se fossem araras no poleiro da gaiola. Também era o transporte mais fácil de conseguir naquela época, porque as estradas eram bastante esburacadas dificultando a colocação de um tipo de condução mais moderna e atraente, sem levar em consideração a questão dos valores monetários que marcavam a vida dos pobres romeiros. Daí a grande preferência que eles tinham pelos caminhões denominados de Pau de arara. Isso hoje já mudou, as estradas recebem os ônibus e outros tipos de transportes.

Assim, no Almanaque do Mensageiro da Fé JESUS (2006, p.84) enfoca:

De todos os logares, despresando as penas e sofrimentos de uma longa caminhada; sacrificando os negócios, aconchegos do lar, comodidades de toda a sorte, vêm os peregrinos, vencendo os obstáculos, prostrar-se aos pés de um Santuário; confundindo-se, numa só crença, os sábios e ignorantes; pobres e ricos; numa maravilhosa igualdade de idéias, numa só flamma de amor (escrita do ano 1938).

Isso pode ser analisado no gráfico abaixo:

GRÁFICO 04



Fonte: pesquisa de campo da autora/2011

O gráfico abaixo mostra que mesmo com tanta dificuldade, os romeiros sempre voltam ao Juazeiro, mantendo viva sua fé em Padre Cícero.

GRÁFICO 05



Fonte: Pesquisa de campo da autora

O gráfico remete a afirmação que quase 90% dos entrevistados demonstraram interesse em retornar ao Juazeiro do Norte. Acredita-se pelos dados que mesmo aqueles que

não souberam responder, ainda assim gostariam de visitar o Juazeiro de Padre Cícero em outras ocasiões.

Tanto na chegada quanto na partida a alegria e a devoção são intensas e são manifestadas através de fogos, buzinas dos veículos, acenos com o chapéu de palha e cânticos de louvores, sendo tudo dedicado, principalmente, ao mentor da romaria, Padre Cícero.

Com referência a fé dos romeiros, BARRETO assim se reporta.

“A fé romeira é tátil. Quer ver, pegando; sentir gestualmente. Ama o chão do sagrado, como espaço santificado. O caminho, como passarela do silêncio entrecortada pela salmodia de repetidas invocações a Deus. [...] seu universo religioso é de pertença à Igreja Católica” (2003, p.49).

Em pesquisa realizada (2011) com os romeiros pode-se observar a fé e a religiosidade motivadora desses fiéis ao deslocarem-se para a “Terra da mãe de Deus”, como ato de devoção ou pagamento de promessa. As dificuldades suplantadas por esses desvalidos são intensas, mas a devoção é tão profunda que os sofrimentos são contabilizados como parte da abnegação e atitude de gratidão pelas promessas alcançadas. As bênçãos obtidas, geralmente relacionadas à saúde, à família e à prosperidade, são festejadas com grandes quantidades de fogos, ajudam aos menos favorecidos e muitos “benditos”.

Quanto ao milagre propriamente dito patrocinado pelo padre milagreiro, eles não sabem explicitar. Muitos também se deslocam na peregrinação movidos pela curiosidade adquirida através das informações fervorosas trazidas pelos romeiros no decorrer de vários anos, sendo essa uma das causas do crescimento dessa romaria mesmo após a morte de Padre Cícero. É interessante salientar o número de pessoas, tanto homens como mulheres, que recebem o nome de Cícero no Nordeste brasileiro, tentando através do nome alcançar benevolências para suas vidas. Mesmo havendo uma norma interna da Igreja católica após o fenômeno da hóstia em Juazeiro, proibindo o batismo de crianças com o nome de Cícero, o número de crianças com o nome do padre, cresceu assustadoramente. Uns colocavam esse nome no filho homenageando como gratidão e ainda tinha aqueles que o escolhiam tentando dotar o novo habitante de fluidos positivos advindos do Santo Padre.

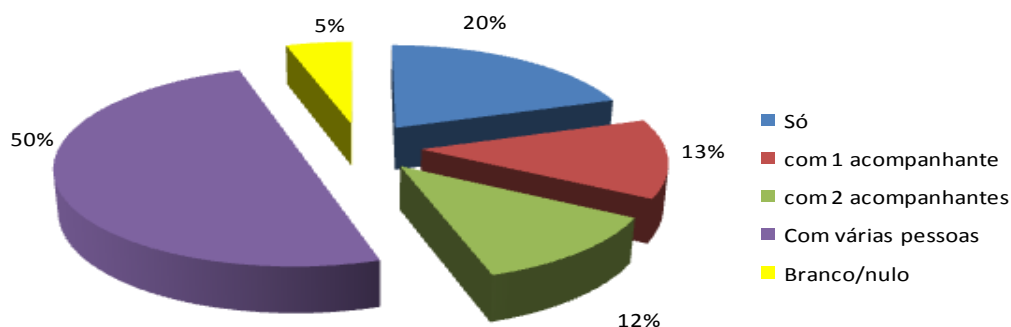
Sobre o batismo de crianças com o nome de Cícero, BARROS (2008, p.346), afirma:

“A perseguição por parte da igreja regional tentou impedir, mas apenas estimulou a multiplicação de Cíceros por todo o Nordeste, espalhando-se do sertão para o litoral a crença de que a bondade e o merecimento do padre Cícero garantiriam a ajuda segura aos afilhados batizados com seu nome”.

Veja a seguir o gráfico e analise.

GRÁFICO 06

Números de pessoas na viagem



Fonte: Pesquisa de campo da autora/2011

Veja que o gráfico apresenta um percentual de 50% dos romeiros que chegam a Juazeiro com várias pessoas da família e amigos, seguidos de perto pelo número daqueles que viajam só. Outro número bastante significativo é o de romeiros que levam 1 acompanhante, (homem ou mulher) cerca de 13 %, e, seguido pelo número de romeiros que carregam 2 ou mais acompanhantes (cerca de 12% do total pesquisado).

Foi observado outro percentual expressivo em que (20%) dos entrevistados responderam que foram à romaria sozinhos, o que não quer dizer que sejam solteiros (as), apenas nesta viagem não dispunham de companhia.

É notório que os frequentadores têm uma idade avançada mostrando que entre os jovens essa motivação é apenas decorrente da fé dos pais.

São oito romarias consideradas oficiais durante o ano em Juazeiro do Norte: dos Santos Reis (06 de janeiro), de São Sebastião (20 de janeiro), das Candeias (02 de fevereiro), do nascimento de Padre Cícero (24 de março), do falecimento de Padre Cícero (20 de julho), de Nossa Senhora das Dores (15 de setembro), de São Francisco (04 de outubro) e de Finados (02 de novembro).

Durante as romarias os fiéis visitam a estátua e o Museu Vivo de Padre Cícero, a Basílica de Nossa Senhora das Dores (começo da história de Juazeiro), Capela do Perpétuo Socorro (túmulo de Padre Cícero), santuário do Coração de Jesus e o Santuário de São Francisco, (o mais belo do Nordeste).

Quanto à volta para suas cidades de origem, nem sempre acontece. Os romeiros vão a Juazeiro cultuar, pagar suas promessas e quando chegam na “terra santa” sentem-se protegidos naquele chão abençoado e não querem mais retornar. Na época em que Padre Cícero era vivo iam lhe pedir abrigo e emprego, hoje eles montam seus próprios negócios formais e/ou informais. Assim:

“Nesse trânsito da ‘morada ao santuário’, os romeiros acabavam por dramatizar uma distinção espacial entre o seu lugar e aquele do santo devotado. Isso era feito na medida em que deixavam o espaço de sua existência cotidiana, para dirigir-se ao lugar sagrado do santo, onde deve permanecer por um curto tempo, e então voltar à sua própria casa, temporariamente recompensado”.
(FERNANDES, 1982, p.111-112).

O fiel observa na simbologia sagrada aquilo que os descrentes não conseguem enxergar sem a vivência da fé. BOFF (1975, p.519) enfatiza que “*o símbolo é a representação visível de uma realidade invisível*”.

A religião constitui a corporação estabelecida de crenças que extrapola a realidade do natural e que tem por peça o sobrenatural possibilitando uma outra configuração de

conhecimento, percepção, explicação da realidade. TABORNA, apud OLIVEIRA (2003, p.100):

“Os símbolos são, portanto, próprios do ser humano como ser da transcendência. Um símbolo é tal dentro de determinada rede de referências, é condicionado pelas circunstâncias históricas, culturais, psicológicas, sociais. Todas estas condições estão presentes no símbolo, ao mesmo tempo idênticas e distintas do símbolo”.

O cajado, a batina e o chapéu (todos na cor preta), são vestimentas típicas do Padre Cícero, tidas como símbolos que o representam em qualquer lugar em que se possa ir. Outro símbolo da religiosidade popular bem característico do Nordeste brasileiro e, em particular, de Juazeiro do Norte é o caminhão pau de arara.

Nas devoções há um espaço especial onde os devotos utilizam uma forma de linguagem para falar de si mesmo ou recriar sua vida com Transcendente, conhecido como Casa dos Milagres. Uma dessas formas de linguagem é o ex-voto, vocábulo originário do latim cujo significado está ligado ao pagamento de promessa por uma graça alcançada. Assim,

“Os ex-votos significam a imagem revelada do Santo vivo, isto é, a fotografia dele. Lá se materializa o seu caráter, descrito conforme a intimidade e a relação afetiva do devoto com o Santo. Ali o fiel diz como ele é e como o encontrou”. (TABORNA, in OLIVEIRA, 2003, p.102).

Em Juazeiro do Norte os ex-votos são depositados no Museu Vivo de Padre Cícero, na Casa dos Milagres e na Cruz do Cruzeiro. São partes do corpo humano, cabeças, membros e órgãos em miniatura esculpidos em madeira, gesso, barro, cera. São depositados tufo de cabelo, muletas, cadeiras de roda, caixas de remédio, vestimentas, cartas, quadros, fotografias, cruzeiros, todos esses objetos carregados de sentimentos como felicidade e dor pela libertação do mal representado.

4.2 Rezas, Benditos e Ladainhas

As rezas remontam de uma tradição multicultural adquirida no pluralismo religioso brasileiro, revestido de simbolismo e fé. O envolvimento de memórias e mitos, esperanças e imagens, ritos e hábitos, apresentadas com sacralidade num misto de catolicismo romanizado com práticas do catolicismo popular, sendo praticadas no seio das comunidades rurais e se estendendo ao meio urbano das cidades interioranas nordestinas. Elas podem ser manifestadas pelos fiéis de várias maneiras, tais como, cantadas, faladas ou recitadas. Assim:

“O uso da música religiosa do catolicismo popular do Cariri está geralmente associado a práticas religiosas, o que torna, para os praticantes, mais tênue a separação entre música e reza. Iniciando a distinção, observemos a aplicação do termo ‘reza’ no cotidiano religioso carirense. A acepção deste termo não está unicamente associada a uma prece falada, mas engloba também o repertório musical de cunho religioso. A utilização de expressões como ‘rezar um bendito’, ‘rezar uma incelença’, ‘rezar cantando’, ilustra a conotação musical conferida ao vocábulo. Por outro lado, expressões do tipo ‘rezar o Pai-Nosso’, ‘rezar a Ave-Maria’ ressaltam a utilização mais comum do termo, associando-o a uma prece falada”. (ROCHA, 2006. p.58).

A palavra bendito significa feliz, abençoado. Os benditos são cantos religiosos onde a oralidade é a principal maneira de comunicação das tradições populares muito usados pelos devotos. São usados como prece e contam/cantam a religiosidade e a fé imperantes em Juazeiro. Falar, chorar, rezar e cantar faz parte da reflexão lamentativa, ao som de muitas vozes, envolvendo palavras e ações no convívio com o Sagrado. Segue um dos cânticos dos romeiros em devoção ao Padre Cícero e a Nossa Senhora das Candeias, de autor desconhecido:

*“Bendito e louvado seja, A luz que mais
alumeia.*

*Me valha, meu padrinho Cícero, E a mãe de Deus
das Candeias.*

Ó que caminho tão longe, Cheio de pedra e areia

*Percorre o bom peregrino, Da Mãe de Deus das
Candeias*

No caminho de Juazeiro, Nunca ninguém se perdeu

*Por causa da “luminura”, Da Mãe de Deus das
Candeias*

*A luz da fé que nos guia, Aqui nos reanimou
Formamos grande família, De Cristo Nosso
Senhor”.*

Juazeiro, um pequeno povoado nordestino, sem nenhuma expressão nacional se transforma num centro religioso.

Logo, nessa cidade, cada pessoa pode transcender a sua própria individualidade, para assumir a condição de pertencimento de um grupo, particularmente daqueles que são afilhados de Padre Cícero. A sublimidade pairada no lugar ultrapassa o limite da insignificância encontrada na maioria das pessoas que vivenciam essa experiência

É frequente nas áreas de maior fluxo de romeiros e turistas, a presença de crianças benditeiras circulando entre os visitantes e entoando os cânticos benditos. Essas crianças benditeiras utilizam roupas típicas ou paramentos que condizem com a projeção religiosa criada e incentivada pelos familiares.

São corriqueiros os benditos com frases proferidas pelo Padre Cícero, tidas como verdadeiro mandamento de inspiração divina, conforme se observa abaixo:

*Quem matou não mate mais, Quem roubou não
roube mais
Romeiros de verdade, Vivem na fraternidade*

*Jesus Cristo no Calvário, A Deus pai se entregou
Vencendo a maldade, Seu amor ele provou*

*No exemplo de Maria, Que a todos perdoou
Da morte de seu filho, Ela nunca se vingou*

*Combater a injustiça, É o dever do Cristão
Não é a violência, Que resolve a questão.*

*A fraqueza do pequeno, É viver na solidão
Unidos somos fortes, No amor e no perdão.*

As ladainhas são orações formadas por várias invocações declamadas e curtas com respostas repetidas. Dirigidas por homens e mulheres leigos que assumiam o ritual puxando as mesmas aos santos e organizando procissões, peregrinações, incelências, benditos, novenas, trezenas, terços, gerindo a vida religiosa da comunidade. Tais como mostra PEDREIRA (2009, p.5):

*Bendito louvado seja, a luz que nos alumeia
Valei-me meu Padre Ciço e a Mãe de Deus das
Candeia (repete)*

*Ó que caminho tão longe, com tanta pedra e areia
Valei-me meu Padre Ciço e a Mãe de Deus das
Candeia (repete)*

*Ao pisar na Terra Santa, o sangue fugiu da veia
Valei-me meu Padre Ciço e a Mãe de Deus das
Candeia (repete)*

*Naquela toalha branca da mesa da Santa Ceia
Valei-me meu Padre Ciço e a Mãe de Deus das
Candeia (repete)*

*Os anjos cantam no céu e na terra o sol clareia
Valei-me meu Padre Ciço e a Mãe de Deus das
Candeia (repete).*

- **Música Cantada por Luiz Gonzaga:**

*Ô, que estrada mais comprida !
Ô, que légua tão tirana
Ai, se eu tivesse asa ,Inda hoje eu via Ana*

*Quando o sol tostou as foia, bebeu o riachão
Fui inté o Juazeiro, Pra fazer uma oração*

*Tô vortando estropiado, Mas alegre o coração
Padim Ciço ouviu minha prece, Fez chover no meu
sertão*

*Varei mais de vinte serras,
De alpercata e pé no chão
Mesmo assim, como inda farta, Pra chegar no meu
rincão*

*Trago um terço pra das Dores,
Pra Reimundo um violão
E pra ela, e pra ela, Trago eu e o coração.*

*(HUMBERTO TEIXEIRA & LUIZ GONZAGA,
1949)*

Além de deixar no lugar sagrado aquilo que lhe fazia mal e já não lhe pertence mais, os devotos querem levar para seus lares um símbolo sagrado em memória ao santo protetor. Esse ato é concretizado pelas compras.

Depois das missas, confissões, rezas e pagamentos de promessas os devotos seguem para o ritual profano, as conhecidas lembrancinhas compradas de acordo com o poder aquisitivo de cada romeiro: velas, terços, fitinhas, literatura de cordel, chaveiros; uma multiplicidade de utensílios em todo tipo de material como: couro, madeira, cerâmica, ouro, palha e gesso.

As imagens de Padre Cícero, em todos os tamanhos, são as lembrancinhas preferidas pelos fiéis. Os *shows* e festas com brinquedos nas praças principais da cidade também servem de atração depois do dever cumprido.

Depois de todo ato da romaria concluído, os romeiros deixam Juazeiro, entoando hinos de louvores, acenando com seus chapéus de palha com os olhos cheios de lágrimas e um coração apertado de saudade e esperança de um retorno no próximo ano.

4.3 O Sagrado e Profano em Juazeiro do Norte/CE

Nessa conjuntura é inegável que o Patriarca tem importância na organização da economia local, pois o mesmo foi quem atraiu recursos humanos para a região através dos peregrinos que confiavam em sua pessoa, permitindo, mais tarde, que a cidade virasse um espaço sagrado. Termo que pode ser definido como: *“Um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência”* (ROSENDHAL, 1999, p.233).

Levando em consideração essa definição, pode-se afirmar que Juazeiro é um espaço sagrado devido à religiosidade e por sua história, sendo extremamente apreciada pelos romeiros, que buscam transcender sua existência em benefício de crenças em divindades consideradas milagrosas. Os romeiros buscam a fé, a fim de conseguirem superar suas fraquezas e resistirem diante dos seus problemas. Por exemplo, a seca nordestina tem o seu

poder natural que é manifestado pela desgraça da fome e da sede dos oprimidos. O poder social talvez seja pior que o natural, que é a condição de inferioridade sentida pelo sertanejo nordestino. Este fato é mitigado através da religiosidade popular como castigo divino. Nas condições de opressão em que se encontrava a região fizeram decodificar o “milagre”, como resposta do Alto às constantes rogativas de misericórdia que lhes eram feitas. E com a ocorrência do dito ‘milagre’ renascia em muitos a esperança de que o Divino mandara um sinal de Sua glória em meio ao sofrimento eterno causado pela seca.

O significado do espaço sagrado se reflete em toda cidade. Fato que é manifestado por meio da economia, da sociedade em si, da cultura popular e erudita, da própria política, das atividades artísticas de uma maneira geral e do turismo secular e religioso. Uma coisa que não existe no cotidiano é a separação entre o sagrado do profano.

Foto 15. Visão Panorâmica do Horto



Fonte: www.hotsite.verdesmares

Enfim, a aceitação do milagre na cidade de Juazeiro envolvendo todo seu contexto histórico foi o passo inicial para nomear este lugar como sagrado. Juazeiro, um pequeno povoado que se transformou num centro de expressão de fé, num lugar sagrado. Essa singularidade é expressa no texto a seguir:

“O Juazeiro tem sua singularidade face a todos os centros de visitação religiosa desse país peregrino: os caminhantes e viajantes que para aí se dirigem, diferentemente da devoção de ‘Nossa Senhora Aparecida’ (São Paulo), ‘Bom Jesus do Matosinho’ (Minas Gerais), ‘São Francisco do Canindé’ (Ceará), e tantos outros, procuram, associados ao símbolos criados pela alta hierarquia da Igreja, um ‘santo’ produzido ali mesmo, forjado no fogo das crenças das populações mais pobres do Nordeste”. (BARROS, 2008, p. 148).

É interessante a felicidade desses fiéis pelo fato de seu objeto de adoração, no caso Padre Cícero, fazer parte da sua cultura, ter andado por onde eles andaram, ter sofrido e vivenciado todas as suas problemáticas. No quebrantamento religioso vivenciado pelos fiéis é feita uma correlação entre Jesus Cristo com toda a sua trajetória vivenciada na terra e Padre Cícero, cabendo a ambos o poder de ouvir as intercessões e respondê-las. No imaginário da crença popular Padre Cícero é a continuação de Jesus Cristo e o lugar de devoção é Juazeiro. É como se a representação do Cristianismo através de Jesus Cristo que viveu na Terra e continua sendo Divino podendo ouvir as preces, no imaginário da crença popular. A (con)fusão entre a figura de Cristo e a de Padre Cícero é evidente e o espaço de devoção é Juazeiro, semelhante a Jerusalém para os judeus e Meca para os muçulmanos. Não é por acaso que Juazeiro é chamada de Meca do Sertão, como reafirma o texto:

“Recusando-se a se afastar da ‘Terra da Mãe de Deus’, inaugura no sertão o estilo de catolicismo popular e de penitência num santuário, terminando assim o nomadismo dos pregadores em busca dos cristãos, passando estes a se deslocarem em busca daquele ‘Lugar Santo’. Estava criado o santuário de devoção que passaria a ser procurado, como expressou em seu testemunho, ‘até a consumação dos séculos’, pelos seus romeiros”. (BARROS, 2008, p. 150).

Juazeiro do Norte é visto como a terra da redenção, onde se deixa os pecados para receber a graça. Na impossibilidade de receber a absolvição, o devoto faz penitências físicas, para purificar-se dos seus pecados. Quando Padre Cícero foi proibido pela Igreja de exercer suas funções eclesiásticas os fiéis se concentravam na calçada da casa dele à espera que o próprio abrisse a janela e, de lá, como se fosse um púlpito, aconselhasse e abençoasse os seus

“afilhados”. A figura do Padre sempre presente nesta cidade foi de expressiva conotação para a continuação do processo de sacralização do lugar. O sacerdote e a cidade se confundem; visitar Juazeiro é visitar o Padre Cícero e vice-versa. Com isso os romeiros alimentam a tradição legada pelos ascendentes, que iam ao Juazeiro encontrar o Padre Cícero.

A romaria no seu ato peregrino envolve vários ritos que ocorrem dentro do espaço sagrado que no nosso caso é Juazeiro do Norte. Esse é visto como o centro do mundo, para onde convergem as demais localidades. Principalmente da região nordestina, porém aparecem pessoas de todo lugar da América Latina. O centro contém valores e uma presença transcendental. Assim explica VILHENA:

“O espaço é a condição de possibilidade para se realizar o rito. Os espaços sagrados são pontos de referências capazes de transfigurar o que antes era indeterminado, amorfo, caótico em um cosmo ordenado e significativo”. (VILHENA, 2005, p. 80).

O caminho que é percorrido pelos romeiros até chegar ao lugar sagrado é feito a pé ou em algum veículo, está incluso em todo o ritual e, nesse íterim são demarcadas árvores com sinal de cruz, com benditos e várias formas de louvação. Para os devotos que fazem essa peregrinação há uma expectativa desde o início. Essa expectativa é vivenciada por uma ambiência mística absorvente e pela esperança de que há algo de sagrado no Juazeiro e no Padre Cícero. Isso faz valer a pena aquele caminho de sacrifício. É importante perceber que a fé religiosa não se sustenta sobre o nada. Ela é lançada e ratificada por seus símbolos sagrados.

O devoto quando chega à cidade-santuário se sente plenamente à vontade para cumprir sua trajetória e pagar suas promessas. Assim:

O percurso mais utilizado parece ser o que vai da Igreja do Socorro, passando para a Matriz de Nossa Senhora das Dores até o Horto. O Largo do Socorro, formado por ampla praça que tem, no centro, um cruzeiro e uma estátua do Padre Cícero, ali entronizada na década de trinta, juntamente com um cofre para receber doações destinadas ao Asilo dos Velhos, situado na rua São José, um dos poucos prédios que datam da época do Padrinho. Nele está situada a Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, construída pelo Padre Cícero, em 1908,

expressivo exemplar da arquitetura singela e popular, dita vernacular, cuja volumetria está em harmonia com o espaço circundante. Integra o conjunto a Casa dos Milagres, cujo acervo é sempre renovado. O local constitui juntamente com o Santuário de Nossa Senhora das Dores e o Horto, onde se destaca o Santo Sepulcro, o eixo mais forte de visitação dos romeiros”. (PAIVA, 2004, p.187).

É curioso o sentido de posse assumido pelos romeiros ao chegarem em sua “ Pátria Santa”, independentemente de onde vieram, aquele lugar é santo, logo Juazeiro é terra santa. Para eles, o simples fato de estar na terra de Padre Cícero é motivo de alegria.

O manual de fé do Cristianismo fala em lugares elevados, ideal para meditação, local de encontro com a Transcendência. Moisés, o grande líder hebreu, subiu ao Monte Sinai a fim de ouvir as instruções enviadas do Alto e transcritas numa tábua, conhecida como os dez mandamentos, logo em seguida desceu para anunciá-la ao povo de Israel. (Ex. 19.3). Tanto Moisés quanto Jesus Cristo em sua via-crúcis necessitou de lugares reservados, lugares de grandes decisões e quiçá, sofrimento. Num paralelo das Escrituras Sagradas com Horto de Juazeiro a autora afirma:

“O próprio Padre Cícero privilegiou a Serra do Horto, nos arredores da cidade, como lugar de meditação e oração. Entendendo este gesto como a sacralização do lugar, romeiros mais ortodoxos, como os penitentes, concentraram naquele espaço pontos de celebrações ritualistas, como a parada à sombra da árvore chamada Tambor, escolhida pelo Padre para o descanso em rede, considerando-se com poder de cura de doenças o chá de suas folhas. Outras delimitações espaciais foram feitas para celebrações ritualistas que sobreviveram incógnitas para a maioria dos moradores de Juazeiro...Porém foi no Horto que a devoção popular traçou mais indelevelmente sua força ritual, na parte desabitada da serra, no meio da caatinga bravia original, onde só se chegava por picadas, ásperos caminhos de pedra. Ali os beatos se reuniam para, como penitentes, fazerem autoflagelação, cantar benditos, ‘rezas fortes’ e beber a ‘água milagrosa’. No imaginário das crenças populares ali era o ‘Santo Sepulcro’, lugar onde construíram sete igrejas, em cima de cada pedra, demarcando o lugar aonde só se chegava de joelhos, em contrita oração”. (BARROS, 2008, p.151-152).

Entende-se por “*sagrado tudo aquilo que leva o homem a um contato e relacionamento com a divindade e que por isso se torna objeto de seu temor, respeito e devoção religiosa*”. (STRIEDER, 1990, p.21). A ambientação mística reinante em Juazeiro é decorrente de Padre Cícero que para seus devotos, independentemente da posição oficial da Igreja, já está beatificado e canonizado.

Sabe-se que o sagrado e o profano são duas formas de análise que se aperfeiçoam e se eliminam ao mesmo tempo. O sagrado é onde existe uma analogia cultural baseada na fé e na religião e o profano, geralmente fica nos contornos.

Para contrapor o sagrado enfatiza-se que o profano é:

“...desprovido de sacralidade, estrategicamente ao ‘redor’ e em ‘frente’ do espaço sagrado(...) o espaço profano diretamente vinculado ao espaço sagrado apresenta forte ligação com as atividades religiosas. Localizam-se nessa área o comércio e os serviços vinculados ao sagrado – artigos religiosos, bares, ‘casas de peregrinos’ e estacionamentos”. (ROSENDAHL, 1999, p.239-240).

Especialmente na época das festividades onde acontece maior aglomeração turística o profano se aloja de forma que não consegue mais se desligar do sagrado. Com a presença de feiras livres vendendo objetos religiosos geralmente ligados ao Padre Cícero e a Nossa Senhora das Dores e objetos de uso diverso desde confecções até móveis. Os bares estão espalhados por toda a cidade, principalmente nas proximidades dos lugares “santos” visitados pelos romeiros. A falta de um projeto de urbanização na cidade leva-a ao caos no trânsito com veículos estacionados de qualquer forma e em qualquer lugar.

Estar em romaria é interromper o cotidiano para entrar em outra dimensão, neste caso transcendental. Os ritos criados pelos romeiros traduzem a liberdade de se nutrir relação com o sagrado. A reverência aos ritos representa o poder de mediação com o divino que estes possuem, bem como a consideração pelas pessoas queridas que os transmitiram.

A figura de Padre Cícero atravessou as gerações do seu tempo através da aceção social e religiosa no fantasioso popular, passada para gerações consecutivas.

As romarias são vantajosas para todos. A Igreja Romana, os empresários, os políticos e todos os setores da sociedade juazeirense são beneficiados pelo grande fluxo de capital trazido pelos consumidores desse sacerdote que literalmente abarrotam as ruas e praças dessa cidade.

Para que haja uma melhor ambientação, são necessários equipamentos de infraestrutura para melhorar a qualidade de vida dos romeiros, tais como: *“melhorar o policiamento, construir hospedaria pública, organizar o trânsito no centro, melhorar os ranchos, melhorar a limpeza pública, recuperar as estradas ”* (PAIVA, 2004, p.189).

Uma das maiores romarias de Juazeiro ocorre no começo do ano, é a festividade de Nossa Senhora das Candeias, também conhecida como Nossa Senhora da Purificação é abalizada na tradição judaica, esta ensina que o filho varão deveria ser levado ao templo 40 dias após o nascimento. Como diz o texto das Escrituras Sagradas:

“Passados os dias da purificação segundo a Lei de Moisés, levaram-no a Jerusalém para o apresentarem ao Senhor, conforme o que está escrito na Lei do Senhor: Todo primogênito ao Senhor será consagrado”. (Lucas. 2,22 e 23)

Nas procissões, em Juazeiro do Norte, o povo leva candeias (ou velas) para supostamente iluminar o trajeto de Maria levando Jesus ao templo. Na verdade essa história tem origem na mitologia tanto romana quanto grega, mas foi incorporada à celebração da Purificação de Maria pelo papa Gelásio, (492-496).

Juazeiro é a terra-abrigo dos desesperados, oprimidos e também daqueles que sofrem com a seca e são desprezados pelos poderosos e esperam algum dia encontrar o descanso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Juazeiro do Norte não se resume apenas a seu passado, mas no seu presente continua viva. Mostrando sua herança histórica carregada de religiosidade e fé para os que estão vivos e ativos. Sendo o suficiente para perpetuar nas gerações futuras o desenvolvimento que aconteceu em decorrência da fé no Sacerdote carismático, político e religioso. Padre Cícero, um mito para muitos, um santo para outros. Sobre a santidade, nada se pode afirmar.

O local um aglomerado de pequenas casas de taipa, com uma população desassistida espiritualmente, compondo um antro de perdição, regado à bebedeiras, badernas, prostituição e outras ações de delinquência, tomou um novo rumo sob a orientação de Padre Cícero, que ao longo dos anos transformou o lugarejo num grande polo econômico do sertão cearense. Houve a substituição da prostituição pelos trabalhos manuais, as fábricas de redes, entre muitas outras atividades que traziam renda para os moradores. Esse crescimento econômico se deu com a introdução de medidas engendradas pelo Padre Cícero, ainda quando era um pequeno povoado denominado de Tabuleiro Grande. Pode-se relacionar algumas dessas medidas as quais tiveram importância neste contexto:

- A instalação de oficinas nos quintais das casas,
- O aproveitamento de mão de obra ociosa para atividades menos valorizadas,
- O aproveitamento da mão de obra feminina para tarefas mais leves,
- O trabalho até de crianças que naquela época não havia restrições,
- O uso de hortas caseiras para fins medicinais,
- A construção de cisternas e poços tubulares para aproveitamento racional da água entre tantos outros.

O fenômeno foi acontecendo de forma crescente e contínua, com a construção de residências, escolas, igrejas, casas comerciais e a feira.

No início do século XX (1909), o povoado já contava uma população de 15.000 habitantes. O contingente de romeiros aumentou ao ponto das pousadas e ranchos não atenderem a todos. Muitas cidades do estado do Ceará passaram cem anos e não atingiram

100.000 habitantes diferentemente de Juazeiro que ao completar o seu centenário, sua população passou de 15.000 habitantes e já ultrapassa os 300.000.

Nos aspectos urbanísticos nota-se o crescimento da cidade de forma vertical e desordenada. Juazeiro precisa de um planejamento arrojado, pois, sendo hoje o centro da região metropolitana, haverá necessidade de atender uma população de mais de 1.000.000 de habitantes, só da região, sem contar com a população flutuante, que poderá dobrar esses valores. Portanto, as políticas públicas para Juazeiro deverão ser repensada antes de serem executadas, sob pena de se continuar no caos administrativo do ponto de vista urbanístico.

A fé dos romeiros com sua generosidade e vigor de seu trabalho, a religiosidade arraigada daquela época, o contexto socioeconômico e geográfico da população de Tabuleiro Grande e a obediência aos ensinamentos de Padre Cícero, criaram um ambiente favorável ao florescimento do que hoje é Juazeiro do Norte.

A fé e a religiosidade dos romeiros interferiram no desenvolvimento do Juazeiro e em toda a região do Cariri, hoje elevada à situação de região metropolitana. Seus atores sociais como Padre Cícero e seus seguidores, mesmo após a morte do primeiro, continuam interferindo até hoje com promessa de superação dos problemas materiais e imateriais. Continua despertando uma nova esperança de vida, capacitando a cidade como um verdadeiro santuário.

A pesquisa mostrou Cícero como um líder, visionário e como tal cheio de virtudes e defeitos. Com grande poder de comunicação e persuasão. Um líder que está escrito na história nordestina e como tal repleto de seguidores. Muitos sem discernimento dos seus sentimentos confundem a razão com a emoção e ultrapassam o limite da admiração chegando à adoração.

Padre Cícero preencheu algumas lacunas importantes no trivial do povo nordestino. As adversidades climáticas que assolavam os sertões de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Alagoas, Sergipe e Bahia, eram amenizadas pela ajuda material e espiritual oferecida pelo padre. A função do estado brasileiro em manter a segurança, o trabalho, a saúde, a educação e a justiça social, também não era cumprida pelos governantes daquela época, por isso, os romeiros vinham de todas as partes do Nordeste na tentativa de conseguir essa forma de cidadania.

A liderança popular desenvolvida por Padre Cícero era demonstrada numa frase muito conhecida e de domínio público, “em cada casa uma oficina e em cada casa um oratório”. Isso mostrava a força exercida pelo padre sobre os romeiros, levando-os ao trabalho durante o dia e à devoção durante a noite. Conclui-se também que Padre Cícero apresentava um aspecto visionário, muito à frente de seu tempo.

Cícero foi um líder que vivenciou as auguras da região semiárida nordestina, da força das oligarquias dominantes e soube domá-las; soube suportar essa situação e se colocar como mediador dos oprimidos, salvador da população carente e representante do povo na liderança política do estado e porque não dizer, da nação. Foi tudo isso, mas não um santo.

Ao incutir princípios de trabalho e fé em sua gente, Padre Cícero acabava por implantar as bases para a formação civilizacional e urbana, delineando o desenvolvimento econômico e social de Juazeiro do Norte.

O que finalmente pode-se dizer a respeito deste homem: Um guia espiritual, um amigo do povo, um perseguido, apenas um líder religioso e político. As pessoas não seguem programas, mas líderes que as inspirem. Elas agem quando uma visão instiga a esperança inconsequente de algo maior que elas mesmas, a esperança da satisfação que elas nunca se atreveram a ter.

A capacidade que Padre Cícero tinha de arrebatrar multidões com seus conselhos, admoestações, além do receio e pavor demonstrados pela Santa Sé em relação à crescente aceitação dos evangélicos (pentecostais) no Brasil, particularmente na região de Juazeiro, desencadeou a necessidade de reabrir o processo de beatificação e posteriormente a canonização de Padre Cícero.

O Padre Cícero não é santo nem demônio, mas como todo mito é controvertido e, como todo herói, é uma mistura de obstinação, capricho, narcisismo e rebeldia ao lado de grandes virtudes universais. É compreensível que o trabalho não esgotou todas as possibilidades de pesquisas e é evidente a necessidade de que outras investigações empreendidas sejam exploradas no sentido de maior clareza em torno de tão gratificante tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. (2007). *Enigma da Religião*. 6. ed, Campinas: Papirus.

ALMEIDA, João Ferreira de. (1994). *Bíblia sagrada*: São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil.

ANDRADE, Maristela Oliveira de. (2009). A Religiosidade Brasileira: a diversidade de crenças e o processo sincrético. In CAOS – *Revista eletrônica de Ciências Sociais*, n.14, disponível em . Acesso em 18 de novembro de 2010.

AQUINO, Maurício de. (2009). Santo de Romaria: Cultura e Religiosidade Popular em Morte e Vida Severina; In: *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, ano II, n. 4, maio.

ARAÚJO, Maria de Lourdes de. (2005). *A Cidade de Padre Cícero: Trabalho e Fé*: UFRJ, Tese de Doutorado, Rio de Janeiro.

BARRETO, Padre Francisco Murilo de Sá. (2003). *Padre Cícero*: Loyola, 2. ed., São Paulo.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. (2004) Padre Cícero e a Perspectiva Contemporânea do Turismo Religioso. In: *Anais do III Simpósio Internacional Padre Cícero*. Quem e Ele? Universidade Regional do Cariri – URCA/Banco do Nordeste, Crato, Ceará.

_____. (2008). *Juazeiro do Padre Cícero: A terra da Mãe de Deus*: IMEPH, Fortaleza, Ceará.

Bíblia Almeida Corrigida e Revisada Fiel. Disponível em: <http://www.biblionline.com.br/acf/hb/11>. Acesso em 13 de outubro de 2010.

BITTENCOURT FILHO, José (2003). *Matriz Religiosa Brasileira: religiosidade e mudança social*: Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro.

BOFF, Leonardo, “O pensar sacramental”, in: *Revista Bíblica Brasileira*, Petrópolis, 35, (1975), p. 519.

CAVA, Ralph Della. (1977). *Milagre em Joazeiro*: Paz e Terra, Rio de Janeiro.

CARONE, Edgard. (1973). Disponível em <http://www.antropologia.com.br>

COMBLIN, Joseph In OLIVEIRA, Pedro Rubens Ferreira (2009). O Rosto Popular de Deus no Catolicismo Brasileiro. In: *As Muitas faces de Deus: desafios do pluralismo religioso*: Revista de teologia e ciências da religião, UNICAP, Recife.

CORREA, Marlene. (2001). *Ceará: História para Construção da Cidadania*: FTD, São Paulo.

CPRM – Companhia de Pesquisa e Recursos Minerais. Serviço Geológico do Brasil. Disponível em www.cprm.gov.br.

ELIADE, Mircea. (1992). *O Sagrado e o Profano*: Martins Fontes, São Paulo.

FACO, Rui. (1976). *Cangaceiros e fanáticos*: Civilização Brasileira, 4ed., Rio de Janeiro.

FERNANDES, Rubem César. (1982). *Os Cavaleiros do Bom Jesus: uma introdução às religiões populares*. Brasiliense, São Paulo.

FOTOS, disponível em www.hotsite.verdesmares, em 10 de outubro de 2010.

GIUMBELLI, Emerson. (2003). Minorias Religiosas. In TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). *As Religiões no Brasil: continuidade e ruptura*: Vozes, Petrópolis.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA: Disponível em www.ibge.gov.br

JESUS, Elivaldo Souza de. (2006). *Gente de Promessa, de Reza e de Romaria: Experiências Devocionais na ruralidade do Recôncavo Sul da Bahia (1940-1980)* disponível em http://www.ffch.ufba.br/IMG/pdf/2006_elivaldo_souza_de_jesus.pdf, acessado no dia 20 de setembro de 2011, às 17 horas.

KUNZ, Martini. (1994). *Pe. Cícero na Literatura de Cordel*. In: ARRUDA, João; CASIMIRO, Renato (coord.). *Anais do Seminário (150 anos de Padre Cícero)*: RCV, Fortaleza.

LEITÃO, Valton de Miranda. (1994). O Mito de Cícero. In: ARRUDA, João; CASIMIRO, Renato (coord.). *Anais do Seminário (150 anos de Padre Cícero)*: RCV, Fortaleza.

LESBAUPIN, Ivo. (2003). Comunidades de Base no Brasil de Hoje. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). *Catolicismo Plural*: Vozes, Rio de Janeiro.

LIMA, Antonio Carlos Ferreira. (2008). *A Permanência do Ciclo Místico na Literatura de Cordel e sua Correlação com os Níveis de Construção*. Textual: UFAL, Maceió. Disponível em http://bdtd.ufal.br/tde_arquivos/1/TDE-2009-01-14T142427Z-%20-2008.pdf, em 15 de setembro de 2010.

LIRA NETO, (2009). *Padre Cícero Poder, Fé e Guerra no Sertão*: Companhia das Letras, São Paulo.

MARTINS, Clerton de Oliveira. LEITE, Liliana. *Pagando promessa, buscando esperança – percepção sobre a romaria e religiosidade popular*. http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/3/30/GT6-003_em_20/092011, às 16:25.

MENEZES, Eduardo Dialahy b. de. (1994). As romarias e o Juazeiro de Pe. Cícero. In: ARRUDA, João; CASIMIRO, Renato (coord.). *Anais do Seminário (150 anos de Padre Cícero)*: RCV, Fortaleza.

MOREIRA, Carla. (2006). *Estudo de Caso das Festas e Romarias no Concelhos do Vale do Sousa*, curso de pós-graduação, Castelo de Paiva.s.n.t.

MOURA, Antonia Fernando de Saraiva. (2004). *A Influência de Padre Cícero sobre o Desenvolvimento de Juazeiro do Norte*: Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, em convênio com a Faculdade de Educação Teológica do Nordeste – FAETEN monografia de conclusão de curso –TCC, Maranguape.

OLIVEIRA, Amália Xavier de. (2001). *O Padre Cícero que eu Conheci*: Premium, Fortaleza.

OLIVEIRA, Marcelo João Soares de. (2003). *O Símbolo e o ex-voto em Canindé*. Disponível em http://www.puc.sp.br/rever/rv3_2003/p_oliveira.pdf

OLIVEIRA, Pedro Rubens Ferreira. (2009). O Rosto Popular de Deus Refletido no Catolicismo Brasileiro. In: *As Muitas Faces de Deus: desafios do pluralismo religioso: Revista de teologia e ciências da religião*, UNICAP, Recife.

PAIVA, Olga. (2004). Patrimônio Cultural e Turismo em Juazeiro do Norte. In: *Anais do III Simpósio Internacional Padre Cícero. Quem e Ele?* Universidade Regional do Cariri – URCA/Banco do Nordeste, Crato, Ceara.

PEDREIRA, Carolina. (2009) *Cantos rezados, rezas cantadas: atos, palavras e sons no ritual de lamentação das almas*. Disponível em <http://www.musicaecultura.ufsc.br>.

PNUD – PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. (2000) Disponível em www.pnud.org.br/

PREFEITURA MUNICIPAL DE JUAZEIRO DO NORTE. Disponível em www.juazeiro.ce.gov.br

ROCHA, Ewelter. (2006). *Cantar os mortos; benditos fúnebres nas sentinelas do Cariri* (CE). In: *Revista Anthropologicas* 17(1).

ROSENDAHL, Zeny. (2002). *Espaço e Religião: uma abordagem geográfica*: Eduerj, 2. ed., Rio de Janeiro.

_____. (1999). O Espaço, o Profano e o Sagrado. In: _____; CORREA, Roberto Lobato (org.). *Manifestações da Cultura no Espaço*: Eduerp, Rio de Janeiro.

SANCHIS, Pierre. (2003). Disponível em www.revistasusp.sibi.usp.br

SANTANA, Manoel Henrique de Melo. (2009). *Padre Cícero do Juazeiro: condenação e exclusão eclesial a reabilitação histórica*: UFAL, Maceió.

SILVA, Lemuel Rodrigues da. *Cangaço e religiosidade no Nordeste do Brasil*: SBEC, disponível em <http://www.sbec-br.org/artigocangaco.html>. em 09/04/2010, 07:01pm.

SOBREIRA, Geová Magalhães. (1994). Padre Cícero e a Política. In: ARRUDA, João; CASIMIRO, Renato (coord.). *Anais do Seminário* (150 anos de Padre Cícero): RCV, Fortaleza.

SORRE, Max (org). (1984). *A Noção do Gênero de Vida e sua Evolução*; Megale, J.F, Geografia, Ática, São Paulo.

SOUSA, Cícero Pereira de. (1994). Padre Cícero e a Economia Regional. . In: ARRUDA, João; CASIMIRO, Renato (coord.). *Anais do Seminário* (150 anos de Padre Cícero): RCV, Fortaleza.

STRIEDER, Inácio. (1990). A Redescoberta do Sagrado na Sociedade Tecnológica. In: STRIEDER, Inácio. *Os fundamentos do homem* (Série Didática): FASA – UNICAP, Recife, p. 85 – 99.

TEIXEIRA, Faustino, (2003). *Sociologia da Religião*. Ed. Vozes. São Paulo.

_____, (2009). Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). (2009). *Catolicismo plural*: Vozes, Petrópolis.

VILHENA, Maria Ângela. *Ritos, expressões e propriedades*. São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção temas do ensino religioso). Disponível em <http://www.unisalesiano.edu.br/>

WALKER, Daniel. (2003). *Juazeiro do Norte: A terra do Padre Cícero* “O Cearense do Século”: Gráfica Padre Cícero, Juazeiro do Norte.

Anexo

PESQUISA

IDENTIFICAÇÃO:

Nome:

Cidade:.....Estado:.....Email:.....

Sexo: ()M ()F Profissão:.....

Grau de Instrução:

() Analfabeto

() Ensino fundamental (incompleto ou completo)

() Ensino médio (incompleto ou completo)

() Ensino superior (incompleto ou completo)

Renda Familiar:

() Menos de 1 salário mínimo () 2 ou mais salários mínimo

() 1 salário mínimo () 5 ou mais salários mínimo

Você mora:

() Cidade () Zona rural

Caso seja na cidade:

() Casa própria () Alugada () Cedida

Caso seja na zona rural:

() Terreno próprio () Arrendado () Invadido () Cedido

RELIGIOSIDADE:

O que levou você ao Juazeiro do Norte/CE?

- ☐ Curiosidade ☐ Fazer compras ☐ Outros
- ☐ Pagar promessa ☐ Trabalho

Observação:

Quantas vezes você já foi ao Juazeiro do Norte/CE?

- ☐ Primeira vez ☐ Segunda vez ☐ Várias vezes

Pretende voltar outras vezes? ☐ Sim ☐ Não

Quantas pessoas da sua família estão com você nesta viagem?

- ☐ Estou só ☐ Com duas pessoas
- ☐ Com uma pessoa ☐ Com várias pessoas

Qual o transporte que você utilizou nesta viagem?

- ☐ Ônibus ☐ Bicicleta ☐ Cavalo ☐ Carro
- ☐ Caminhão ☐ Moto ☐ Pé ☐ Avião

Quanto você gasta, em média, por viagem?

- ☐ Até R\$300,00 ☐ Entre R\$300,00 e R\$500,00 ☐ Mais de R\$500,00